R. TEIXEIRA MENDES

Apóstolo da Religião da Humanidade

DISCURSO COMEMORATIVO DO TRICENTENÁRIO DE MORTE DE LUÍS DE CAMÕES

(10 de junho de 1880)

Edição Póstuma Comemorativa do Cinqüentenário da Transformação do Apóstolo

IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL
Rua Benjamin Constant, 74
Rio de Janeiro
1977

- O ser humano nunca é o mesmo — 13, 16
- Objetivo das religiões - 13
- "Industrialismo brutal" - 14
- Ciência pela ciência como egoísmo - 14
- Gall: cérebro como sede do altruísmo - 17
- Gall, Leroy e Buffon como descobridores do altruísmo - 17
- Vida subjetiva - 20
- Pedantocracia científica - 21
- Direito metafísico - 21

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Fundada, sob a angélica inspiração de CLOTILDE DE VAUX,
por AUGUSTO COMTE

O Amor por princípio, e a Ordem por base ;
o Progresso por fim.

Viver para outrem Viver às claras **Ordem e Progresso**

DISCURSO COMEMORATIVO DO TRICENTENÁRIO DE MORTE DE LUÍS DE CAMÕES

por

R. TEIXEIRA MENDES

Edição Comemorativa do
Cinqüentenário de sua transformação

IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL
Rio de Janeiro
Rua Benjamin Constant, 74

Ano CLXXXIX da Revolução Francesa e CXXIII da Era Normal
1977

NOTA EXPLICATIVA

Em comemoração ao transcurso do qüinqüagésimo aniversário da transformação do ardoroso Apóstolo da Humanidade, Raimundo Teixeira Mendes, a Delegação Executiva da Igreja Positivista do Brasil prestou à sua memória várias homenagens, conforme o programa apresentado em sua carta-circular de 12 de São Paulo de 189, 1.º de junho de 1977.

Dentre elas, havia a que ora se realiza pela edição desta conferência.

Foi a mesma escolhida entre suas obras inéditas, por ser a primeira que o jovem estudante, recém-convertido à nova religião, efetuava em nossa Patria, inaugurando o Culto positivista nesta cidade.

Convém, porém, esclarecer que, anteriormente, Teixeira Mendes já havia iniciado uma exposição da Religião da Humanidade, de acordo com o Catecismo Positivista, na escola do Clube Republicano de São Cristóvão, no Largo da Cancela, no dia 18 de abril de 1880.

Sobre as primeiras cerimônias sociolátricas realizadas no Brasil foi editada, em 1881, pequena brochura, hoje raridade bibliográfica, com o título — Culto Positivista no Brasil — Indicação sumária das primeiras celebrações religiosas no Rio de Janeiro. Deste folheto, de sua autoria, transcreveremos a parte que se refere às comemorações realizadas pelo transcurso do terceiro centenário de falecimento do imortal cantor da raça lusitana, relacionada à conferência, ora editada, começando pela Circular enviada à Imprensa.

"Ilmo. Sr.

E' cheio de ensinamentos para todo observador escrupuloso o quadro atual da sociedade humana. Enquanto as antigas religiões, desesperadas de alcançar o domínio exclusivo que todas aspiraram em seu começo, esforçam-se por manter sequer o terreno conquistado, vemos aglomerarem-se os elementos de uma nova síntese, relativa, como a ciência que lhe serve de dogma, mas como ela essencialmente humana e universal, portanto.

Ao lado das velhas crenças que guiaram a infância e a menoridade de nossa espécie se foram desenvolvendo os inabaláveis princípios de uma nova fé. Aos poucos ascendeu o homem ao conhecimento do mundo que o domina e ao qual se deve submeter ; e assim conseguiu arrancar-se ao mesmo tempo

ao fatalismo e ao capricho teológico, desvendando a modificabilidade da ordem universal.

A evolução da humanidade foi dolorosa, mas o que é incontestável é que hoje tocamos a meta desses esforços titânicos. No meio de uma anarquia fatal desenvolveram-se as forças de que atualmente dispomos e de cuja regulamentação dependem a paz e a felicidade sobre o planeta que nos serve de sede. Obra de todas as gerações pretéritas, essa evolução resumiu-se em certas individualidades em suas fases decisivas : — **Coletiva em sua origem, toda força social é essencialmente individual em seu exercício.** Na celebração desses tipos encontramos hoje os elementos de um culto que se vai estabelecendo ao lado do velho culto teológico, como ao lado do seu dogma surgira o princípio científico, dogma da nova religião.

Camões, é um desses raros a quem coube a fortuna de sintetizar os esforços de muitas gerações ; e hoje, — três séculos depois de sua transformação gloriosa, — dois povos, que as antigas crenças foram impotentes para manter reunidos, congraçam-se-lhe em torno da figura gigantesca. Separados politicamente, os brasileiros devemos proclamar no terceiro centenário do gênio imortal de nossa raça a solidariedade espiritual dos povos que na mesma língua receberam as tradições da humanidade.

E', para comemorar esse terceiro centenário que os abaixo assinados tomaram a iniciativa de uma festa, para cuja realização contam com o apoio de V. S. E' nossa idéia também deixar desse ato um padrão imorredouro, colecionando em volume algumas das poesias líricas do imortal poeta, cuja edição deverá ser distribuída gratuitamente pelas bibliotecas escolares de Portugal e Brasil. Para esse fim promovemos uma subscrição.

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1880. — **Miguel Lemos** (ausente), **Doutor J. E. Teixeira de Souza, Alvaro Joaquim de Oliveira, Cypriano José de Carvalho, Godofredo José Furtado, José do Patrocínio** e **R. Teixeira Mendes.**"

Da circular resultou a entusiástica seqüência de solenidades, tão bem relatadas pelo jovem positivista que, desse modo, já demonstrava sua excepcional natureza.

Escreveu ele : "Três manifestações culturais têm tido a Religião da Humanidade no Brasil. A primeira a 22 de S. Paulo de 92 (10 de junho de 1880), por ocasião de celebrar-se o Tricentenário de Luís de Camões, realizou-se por iniciativa de Miguel Lemos, e graças à cooperação de crescido número de pessoas, alheias pela maior parte, às doutrinas de Augusto Comte. O pensamento do iniciador teve por executores um pequeno grupo de brasileiros, mais ou menos filiados ao positivismo, entre os quais tive a ventura de contar-me. O ato primordial dessa comissão foi uma circular * que vai anexa ao presente volume para indicar o espírito em que empreendemos essa gloriosa celebração.

---

* Transcrita anteriormente.

O concurso público permitiu dar-lhe certa pompa. O teatro Ginásio, generosamente concedido para a solenidade, transformou-se em templo sociolátrico, tanto quanto o consentiram a escassez do tempo e de meios em que foi necessário apoucar a ornamentação primitivamente ideiada. O propósito de revelar nas manifestações estéticas a continuidade e a solidariedade humanas foi respeitado nos limites escrupulosos do possível. Não só os emblemas arquitetônicos e as bandeiras ocidentais e orientais o traduziam a todas as vistas ; mas ainda a parte musical o recordou nos maviosos acordes que se derramaram naquele recinto. O fetichismo, a teocracia, o catolicismo e as pátrias modernas tiveram uma significação nos trechos do Guarani, Semirames, Stabat Mater e hinos nacionais, executados nessa ocasião.

No mais remoto da sala destacava-se o busto do imortal Cantor, dum fundo em que se enlaçavam as bandeiras de Portugal e Brasil.

Cingia-lhe a fronte uma coroa de louros ; e no sopé da coluna que o sustinha, um ramalhete de flores artificiais, fabricadas de penas de aves de nossas florestas, testemunhava o congraçamento de todos os portugueses sem distinção de nacionalidades. Fora o mimo delicadamente expressivo do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, que assim patenteava a sua adesão aos grandes princípios, firmados na circular acima aludida.

Dominando o busto, distinguiam-se, de cada lado, as duas faces do estandarte da Humanidade, qual o determinou Augusto Comte. Na face verde lia-se a divisa sagrada do Positivismo em letras de ouro :

O Amor por princípio e a Ordem por base ; o Progresso por fim.

E na face branca a urgência do tempo impediu que se realizasse o desenho representativo da Humanidade.

Este busto, — devido ao hábil cinzel do escultor brasileiro Almeida Reis, * — acha-se atualmente na Biblioteca Nacional, com as duas bandeiras alegóricas, uma ao período fetichista, outra às civilizações teocrática e greco-romana ; a lembrança desses símbolos foi do Sr. Anibal Falcão. Para ali foram, — busto e insígnias, — processionalmente transportados pela mocidade das escolas superiores e confiados ao zelo esclarecido do digno chefe daquele estabelecimento, o Sr. Dr. Ramiz Galvão. Durante o trajeto do préstito pelas ruas principais da capital do Império, as senhoras atiravam flores das janelas ; e foi assim, — involto na bandeira portuguesa e nos perfumes da veneração geral, — que a imagem da maior individualidade lusitana penetrou no santuário de suas imortais produções.

Era já noite ; a parte mais saliente do edifício estava iluminada ; e no vestíbulo, ainda cheio dos ornatos da Exposição Camoneana, mandara o Doutor Ramiz Galvão colocar uma mesa envolta em damasco, onde repousasse provisoriamente o busto sagrado. O digno bibliotecário, — embora noutro ponto

---

* Cândido Caetano de Almeida Reis, 1838-1889. Sôbre suas relações com a Igreja Positivista do Brasil, leia-se o folheto n.º 5 de 1924 do catálogo da Igreja.

de vista, — profundamente compenetrado da solenidade daquele instante. protestou que havia de conservar escrupulosamente os emblemas que a mocidade acabava de confiar a sua guarda.

Esta procissão não fora planejada pela comissão brasileira. Haviamos obtido do Dr. Ramiz Galvão consentimento para depor na Biblioteca o busto até que as circunstâncias permitissem a construção de um Templo positivista ; * e contávamos fazer a transladação com a modéstia proporcionada às posses de um pugilo de crentes. Quiseram as circunstâncias que assim não acontecesse.

Tendo o Sr. Dr. Ferreira de Araujo, proprietário da Gazeta de Noticias, resolvido organizar uma marcha triunfal, ocorreu a lembrança de dar-lhe aquele memorável destino ; e por esta forma transformou-se a primitiva idéia numa verdadeira procissão sociolátrica. E' fora de dúvida que, na multidão de moços ali presentes, só por acaso, se poderia encontrar um positivista religioso ; o ato não foi sistematicamente positivista, mas com certeza que foi espontaneamente. Este acontecimento por si demonstra quanto avançado se acha de fato o culto da religião demonstrada. Ao filósofo não podem escapar semelhantes sintomas : e ao ver, em meio de tamanha anarquia, tão completo acordo na explosão dos sentimentos, ninguém poderá contestar a existência de uma força que só nos resta aplicar com sabedoria.

Augusto Comte tinha ainda uma vez explêndido triunfo : as procissões sociolátricas que ele profetizara acabavam de encontrar uma realização inexcedível.

O auxílio público permitiu ainda que o pensamento da comissão brasileira se realizasse na publicação de um volume de poesias líricas do nobre amante de D. Catarina de Ataide. Escolhendo-as de preferência, conservamo-nos fiéis às doutrinas do grande Mestre. A Religião Positivista não separa o culto dos heróis da celebração dos anjos que lhe foram o estímulo e os guias na vida objetiva ; jamais a memória de Luís de Camões se há de ostentar aos séculos futuros sem essa auréola que se chamou o coração de Catarina de Ataíde. Aqueles que o amor ligou na vida, hão de ter nas recordações da posteridade o laço perpétuo de suas existências.

O que temo somente é só perder-vos

escreveu o mavioso Cantor nas suas elegias ; pois bem a Humanidade lhe assegura a eterna posse de tão incomparável tesouro. E nas horas solenes em que o vulto grandioso do Patriota levantar o entusiasmo dos corações portugueses, a Deusa segredará aos ouvidos dos filhos de Camões estas estrofes que encerram o segredo de sua grandeza :

---

* Já foi construído na rua Benjamin Constant, 74, Glória. O busto de Camões que se achava depositado, desde 12 de julho de 1880, na Biblioteca Nacional, foi transladado para o Templo da Humanidade, na tarde do sábado dia 9 de fevereiro de 1924. Folheto do Catálogo da Igreja n.º 5 de 1924.

O que temo somente é só perder-vos ;
O que quero somente é só adorar-vos ;
O que somente adoro é só querer-vos.

Querer-vos sem deixar de venerar-vos ;
Desejar-vos somente por servir-vos ;
Por servir amor vil não desejar-vos.

Esse amor sem limites na sua abnegação ; essa ternura sem mácula nos seus estremecimentos ; traçou-lhe as linhas colossais que hoje nos deixam estupefatos.

Na sessão religiosa pronunciei dois discursos que talvez um dia sejam publicados. O primeiro teve por objeto desenvolver o pensamento sinteticamente exposto na circular mencionada ; o segundo foi consagrado à especial comemoração daquela data solene.

Dirigindo-me a um auditório onde só havia de comum o amor da Pátria e a admiração pela grande personalidade de Luís de Camões, julguei de meu dever adotar então o seguinte plano. Na parte inicial do discurso comemorativo expus, resumindo, a evolução da Humanidade, apresentando a ascensão gradativa da civilização ocidental desde o Fetichismo até a Religião Positiva. Sobre esta base, — simples reprodução do que escreveu Augusto Comte, — assentei o desenvolvimento da história portuguesa até os fins da dinastia de Aviz, — único trecho imprescindível à compreensão da obra de Luís de Camões. Estabeleci porem rapidamente o problema político português até os nossos dias, lançando os fundamentos do juízo sobre toda essa época. Foi um esboço ; mas penso que foi um esboço integral.

Em tão rápido apanhado tive sempre em vista que falava a brasileiros cujos sentimentos de continuidade étnica importava consolidar. Isto e a precipitação com que fui forçado a empreender o desempenho desse grato, porem árduo dever, — urgido por outras preocupações de momento, — fizeram-me não insistir sobre a ação dos Portugueses na Índia. Passou-me mesmo totalmente, — manda a verdade que o declare, — a íntima ligação que existe entre esses esforços e a luta musulmano-católica no Ocidente. Lacuna por sem dúvida gravíssima, porque importava deixar despercebido um dos maiores serviços de nossa raça, como bem o fez sentir Miguel Lemos no seu conscienciosо estudo, publicado na Revista Ocidental. E quem sabe se foi a única falta considerável em trabalho de tanto peso ?

Semelhantes incorreções que por ventura inutilizam hoje o meu esforço, pouco influiram nas circunstâncias de então. Que importava que um fato mesmo do maior alcance, se perdesse naquele dilúvio de grandezas cuja recordação enchia os corações de espanto e veneração pela Pátria de nossos avós ? Sentiu-se que Portugal era imenso ; que na obra secular da civilização moderna, o seu papel fora dos mais gloriosos ; que a lição da sua história trans

bordava de ensinamentos para seus filhos ; — estava pois preenchida a principal missão que as condições sociais me impuseram.

Terminei o meu esboço com a apreciação da obra de Luís de Camões abstendo-me de expor a sua vida por absoluta falta de tempo, atenta à desusada prolixidade em que já ia o meu discurso.

Durante a sessão destribuiu-se um Hino à Humanidade expressamente composto pelo Dr. Teixeira de Souza para esta solenidade, e que julgamos por isso dever anexar ao presente volume. O metro foi escolhido de modo a adaptar-se a música da Marselheza. O Sr. José do Patrocínio recitou também uma Poesia que foi publicada na edição comemorativa da Gazeta de Notícias.

Rio, 21 de Moysés de 93."

A Delegação Executiva da Igreja Positivista do Brasil espera que a leitura deste interessante folheto, escrito todo ele pelo Apóstolo Teixeira Mendes, não só facilite melhor conhecimento dessa extraordinária natureza, mas também da doutrina a que ele dedicou, a partir do ano de 1880, toda sua laboriosa e fecunda existência.

R. Teixeira Mendes (1880)
Aluno da Escola Central

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Sempre a razão vencida foi de Amor ;
Mas porque assi o pedia o Coração,
Quis Amor ser vencido da Razão.

(Camões — Sonetos — n.º 2) *

São estes os versos iniciais de uma das mais delicadas composições do varão insígne, cuja memória hoje celebramos. Palavras cheias de verdade e tão profundamente concebidas, que a solenidade deste momento constitui apenas um fúlgido lampejo da luz divina que delas se irradia. Metei a mão em vossas consciências ; examinai as opiniões encontradas que nos extremam ; analisai os móveis diversos que determinam a nossa conduta individual ; — e só encontrareis, sobrepujando tamanhos destroços, o apego santo que nos vincula à mesma pátria ; a veneração desinteressada que nos agrupa em torno do gênio que sintetiza a nossa raça ; o amor devotado pelas gerações, que, saídas de nós, fruirão até a consumação dos séculos o produto de nossos esforços. Em uma palavra : quando tudo nos desune, e a razão anarquizada fomenta a discórdia e dilacera nossas almas, só o amor nos reune e nos congraça. E' somente nas horas solenes em que olhamos para a legião de mortos redivivos, a quem devemos a civilização de que nos ufanamos ; é somente quando essa evocação nos retraça os cometimentos titânicos de nossos antepassados e nos incita idênticas empresas em proi de nossos vindouros : — é só então que nos sentimos verdadeiramente irmãos e igualmente fadados aos mesmos destinos. Volvidos esses instantes de puro entusiasmo, caímos no tremedal de nossas paixões mesquinhas ; entregamos a existência às solicitações de interesses que nos apoucam ; e, mentindo a nossos protestos, voltamos uns contra outros as forças que das gerações pretéritas recebemos para preparar a grandeza das gerações por vir.

E porque tão rápida mudança ? Onde a causa dessas oscilações em que se debate a consciência moderna, tão depressa elevada a topetar com

* Poesias líricas de Luís de Camões — ed. brasileira comemorativa do 3.º centenário de morte — 10 junho 1880.

os astros, para logo precipitar-se no abismo de nossas vilezas ? Que separação fatal é essa, que se interpõe entre nós no momento mesmo em que as efusões de nossas almas parecem confundir-nos ? — Eis o gravissimo problema que se impõe à consideração de quantos se preocupam dos grandes interesses sociais e de cuja solução depende a eficácia da comemoração de hoje. Os brasileiros, somos um garfo da velha raça que, na frase do Sr. Laffitte, * deu ao mundo romano os seus melhores soberanos ; a quem o transporte a terras americanas assinou talvez novos destinos, mas foi impotente para desvirtuar. Em nossas veias circula o sangue audacioso e tenaz que ousou sondar :

... "os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedido
De nobre ou de imortal merecimento" **

Em nossos corações conserva-se inextinguível o fogo daquele

"amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno" ***

São essas eminentes qualidades da raça portuguesa que hoje celebramos na pessoa de Luis de Camões, o seu mais completo representante. Não fique pois sem resultados a recordação de tão preclaros ascendentes, deixando sem proveito a exaltação dos sentimentos generosos por ela despertados. Ao reatar a continuidade histórica, que as lutas da independência perturbaram, cumpre acentuar os fundamentos de nosso proceder, desenvolvendo os princípios que patenteamos com máxima lealdade ao apelar para o concurso público.

E isso é uma necessidade indeclinável ; porque para Miguel Lemos, — o iniciador desta solenidade, — como para os cooperadores que o acompanhamos em tão patriótico empenho, o dia de hoje marca um esforço sincero em prol da regeneração que só o ascendente de semelhantes princípios pode assegurar.

A vida humana não constitui um sistema invariável ; a cada momento a existência pessoal forma um elo, diversamente subordinado, conforme o aspecto sob o qual o consideramos. Por um lado, ele vai prender-se à série de existências que representam no seu conjunto, o nosso passado individual ;

---

* Pierre Laffitte (1823-1903), considerado, naquela época como Diretor Geral do Positivismo e Sucessor de Augusto Comte. Sobre o rompimento da Igreja Positivista do Brasil com Laffitte leiam-se as publicações de ns 13, 17 e 18 de nosso catálogo.

** Lusíadas — canto 5.º — XLII.

*** Lusíadas — canto 1.º — X.

e serve de ponto de partida às fases sucessivas que hão de conduzir-nos à morte. Por outro lado, ele se relaciona com todos os elementos humanos, — pretéritos, contemporâneos ou futuros, — que fornecem a base, o concurso ou o destino, imprescindíveis à universalidade de nossas manifestações vitais. Foi debalde que a metafísica esforçou-se por demonstrar a identidade do eu ; a experiência quotidiana nos revela que nenhum de nós é hoje, o que foi ontem, nem o que será amanhã. Precursora invariável da sã filosofia moral, a inspiração poética e a observação feminina jamais se iludiram sobre a versatilidade da natureza humana. Estabelecer uma perfeita coerência entre essas existências sucessivas que formam a vida individual desde o berço até a sepultura ; assegurar a convergência de todas as existências simultâneas, que constituem a sociedade em um momento qualquer, tem sido o objetivo supremo de todas as religiões, por mais diversas que pareçam os meios empregados para atingi-lo.

Objetivo das religiões

No entanto, a quase totalidade dos pensadores modernos esquece-se desse alvo, que foi o pensamento invariável dos grandes reformadores em todos os tempos, e, tomando os meios pelos fins, emprestam à palavra sentido que em si mesmo não possui, nem lhe convem. As línguas ocidentais contam todas um termo de origem grega, que seria o correspondente exato do vocábulo latino, se por ventura o emprego científico, não o tivesse limitado à inteligência. Todos vós conheceis a expressão **síntese**, destinada a representar a unidade mental.

Pois bem, a realização dessa unidade completa, — individual e coletiva ; — o estabelecimento de um sistema que enfeixe num só todo o conjunto de nossos afetos, conhecimentos e atos ; — continua a ser a preocupação das almas capazes de compreender a magnitude do problema humano, cuja solução é suficientemente indicada pela marcha dos séculos anteriores.

Outrora, o oceano interpunha-se aos continentes e as montanhas retalhavam em nações, que até se ignoravam, a totalidade da espécie humana, ao tempo que a natureza guardava no seio, com recolhimento avaro, as leis que haviam de proporcionar o congraçamento dos povos. O sol, inclinando o curso anual, queimava com seus ardores as regiões equatoriais do planeta, e vedava a penetração das zonas que se avizinham dos polos, abandonando-as às inclemências dos gelos. A atmosfera aterrava o homem com o clarão subitânio dos raios ; e o estampido temeroso do trovão vinha celebrar-lhe aos ouvidos a onipotência dessa ordem exterior, que ele procurava furtar a seus olhos fascinados. O mundo inteiro parecia esmagar a mísera existência, consumida em esforços sobre-humanos para manter-se no meio dos elementos conjurados. Mas a submissão e o amor triunfaram.

Impotente para destruí-la, o homem resignou-se a aceitar a pressão inevitável, reservando-se a audácia de voltar contra o opressor as forças que o constrangiam. O concurso de seus semelhantes avigorou-lhe a fraqueza inicial ; e a continuidade prolongou-lhe por ignoto futuro a rápida existência.

Voltando então do primitivo assombro, ele galgou temerário as nuvens e arranca de lá o fogo sagrado. Com ele corrige as desigualdades climatéricas ; funde os metais ; e realizando o sonho de Prometeu, acende a vida nas fábricas prodigiosas que devem transpor a vastidão dos oceanos, penetrar a espessura das montanhas e anular a imensidade dos desertos. Então o planeta surgiu em toda a sua integridade grandiosa ; e o vulto magestoso da Humanidade ergueu-se na completa sublimidade de seu explendor divino. E aí não parou o seu poder ; que uma nova ascenção às alturas donde arrancara o fogo, entregou-lhe a eletricidade, e, com ela, cresceu a solidariedade dos povos, porque o pensamento correu sem peias de um polo ao outro. O Ente Supremo abriu então o generoso coração e acolheu nele, Cristo, Alá, Buda ... todos os símbolos venerandos das religiões teológicas que guiaram a menoridade da nosa espécie.

No entanto, — é duro confessá-lo, — se de todos esses progressos resulta a solidariedade que hoje faz uma a sorte de todos os povos esparsos pela Terra, cumpre reconhecer, também, que um industrialismo brutal tem convertido em elementos de anarquia feroz, as obras que eu acabo de figurar-vos como destinadas a irmanar todos os homens. As nações do ocidente, não saciadas das lutas fratricidas que mantém entre si, penetram sacrilegamente no seio das populações mais atrasadas e, a pretexto de civilização e progresso, levam-lhes a destruição e a morte. E' esse espetáculo medonho e covarde dos fortes a oprimirem e aniquilarem os fracos que tem dado margem às declamações de tantos sofistas contra luzes de que se ufana a sociedade moderna.

Não faremos como eles : mas, aceitando o fato incontestável de uma anarquia sem exemplo, procuraremos estabelecer as causas do mal e o corretivo único que lhes indica o conjunto da evolução passada. A supremacia do sentimento em todas as manifestações da vida humana é um fato irrecusável ; e é justamente essa preeminência que o poeta caracterizou a seu modo no primeiro dos versos que acima mencionamos. E' sempre sob o impulso do sentimento que dirigimos as nossas ações e se exercita a nossa inteligência ; e só o sentimento pode assinar um destino a nossos esforços intelectuais e práticos. Por um lado, a inteligência é demasiado fraca para que a satisfação exclusiva do conhecimento do verdadeiro seja capaz de manter os penosos esforços que exige a mais insignificante operação mental. Os grandes gênios a quem devemos os verdadeiros progressos científicos e industriais sempre manifestaram explicitamente que o interesse social era o seu objetivo invariável. E uma análise facílima pode convencer-nos de que os sábios que hoje apregoam a ciência pela ciência, não fazem mais do que substituir esse móvel que foi de nossos pais pelas sugestões inconfessáveis do mais sórdido egoismo. Por outro lado, sem um destino ditado pelo coração, a nossa atividade consistiria em atos desconexos de todo ponto inconcebiveis.

Mas se é inconteste a supremacia do sentimento, é também fora de dúvida que as nossas opiniões, como nossos atos, reagem sobre a região afetiva do cérebro. Em todos os tempos e em todos os lugares a fé, isto é, o conjunto

de idéias dominantes, dirigia a atividade dos povos, pelo objeto de afeição que lhes indicou. Foi assim que o politeismo romano armou a nação eterna contra o cristianismo e que séculos antes o politeismo grego perseguira Anaxagoras por haver assegurado que o sol podia ser do tamanho do Peloponeso

Foi assim que o catolicismo suscitou o ocidente contra o oriente nessas empresas memoráveis que constituiram as Cruzadas: como o maometismo lançara os árabes sobre o mundo cristão. Foi ainda a inteligência quem acendeu as fogueiras da inquisição excitando o sentimento do cristianismo romano ou protestante contra o pensamento moderno que surgia; como mais tarde o deismo de Rousseau armou a guilhotina de Robespierre. Todos esses fatos imperecíveis na memória ocidental provam exuberantemente a veracidade da proposição emitida.

Disto que acabo de lembrar resulta que a harmonia humana, a unidade individual e social, que foi o supremo objetivo das naturezas que tiveram a estatura de um São Paulo, exige um sentimento único que coordene todos os impulsos afetivos, e uma fé também única que revele a todas as inteligências o mesmo objeto de amor. E estas duas condições são ambas imprescindíveis. Só elas permitiram a cada indivíduo regular a própria existência, isto é, estabelecer uma unidade entre as existências sucessivas que constituem a vida pessoal; só elas podem assegurar o livre concurso de todas as individualidades no espaço e no tempo. Um sentimento predominante e um sistema único de convicções, tais são conseguintemente as condições incontestáveis da síntese universal, isto é, da religião final.

Contemplai a sociedade moderna e reconhecereis que ambas essas condições se acham violadas. Chegamos à miserrima situação em que cada homem julga-se livre de qualquer subordinação, sendo tantas as opiniões quantos os indivíduos. As grandes sínteses teológicas acham-se esgotadas e sem prestígio, incapazes de manter em seu regaço os próprios que ainda se lhes dizem adeptos, sem transações de todo gênero. Demais, suponde todas essas seitas consolidadas, e respondei-nos se qualquer delas é capaz de reduzir a si os adeptos de todas as outras, num século em que a demonstração é imprescindível à fé.

Pois bem, Senhores! Todos os progressos evidenciam a solidariedade dos povos que ocupam a superfície do planeta humano; a contemplação do espetáculo social revela a necessidade de uma nova religião cujo dogma se imponha com a irrecusável firmeza das demonstrações científicas; e compreendeis a inércia desses que se apregoam os cultores das ciências? Vós que vos mantendes no apogeu das altas posições sociais, e circundados de um prestígio como só tiveram os sacerdócios, hoje decaídos, vós aplaudis o egoismo desses homens que não hesitam sacrificar aos oropeis de uma fácil nomeada os interesses vitais da sociedade? Qual deles já propôs às próprias meditações o problema humano em toda a sua plenitude? Debalde ireis procurar nas corporações oficiais.

No entanto um homem existiu saído dessa veneranda escola que a grande Convenção levantou na moderna capital do Ocidente. Novo Aristóteles, ele resumiu em si todos os conhecimentos científicos do tempo em que viveu e com o prodigioso esforço de uma meditação única conseguiu desvendar as leis que regem a evolução histórica da Humanidade. Broussais, Blainville, Fourier, Humboldt, Navier, Poinsot e tantos outros que formavam os rastos da insígne coorte de grandes homens lhe assistiram as primeiras lições e bem podem dar a medida das proporções do gênio, que não contava então trinta anos. No meio das mais infames perseguições, o seu intrinseco amor pela humanidade jamais enfraqueceu ; senão que os rigores excepcionais da desventura pareciam engrandecer na mesma proporção o seu incansável devotamento. Acintosamente desconhecido pela ciência oficial, que também desconhecera Gall e Bichat, essa natureza heróica findou-se legando à posteridade um exemplo de todas as virtudes, como suscedânea à prodigiosa construção na qual pretendeu ter conseguido a solução do imenso problema, de que dependem os destinos humanos. Este homem, Senhores, chamou-se Augusto Comte.

Pois bem ; nessas condições o que exigem os interesses sociais ?

Se ninguém senão ele, até hoje, apresentou uma vasta síntese capaz de coordenar todos os nossos sentimentos, conhecimentos e atos, tomando para ponto de partida, e hoje imprescindível, a ciência, o interesse social não impunha aos sábios o exame do problema que pela primeira vez se estabelece com semelhante solução ? Mas não ; ele encontrou nas classes oficiais, o que Colombo encontrou nelas — o sarcasmo ; teve o prêmio de Galileu — a perseguição. Não a condenação franca e confessada do martir italiano ; mas a perseguição hipócrita e covarde que o reduziria a morrer de fome, sem o concurso dos discípulos devotados. Mas assim como Colombo encontrou um coração feminino capaz de compenetrar-se da vasta empresa concebida, a história dirá também que Augusto Comte teve uma cooperadora inestimável no concurso afetivo de Clotilde de Vaux.

Foi esta imensa síntese que determinou a promover a celebração brasileira do terceiro Centenário de Camões; é o que resultará da breve exposição que vamos apresentar como base de **nossa apreciação.**

A instituição da religião universal exige um prévio conhecimento de nossa natureza individual, tendo por fim estabelecer a verdadeira teoria da alma humana. Apesar das pretensões do orgulho metafísico que exigiu em principio a **unidade do eu,** a razão popular pelo seu intérprete natural, a linguagem, reconheceu sempre o dualismo caracterizado pelo **coração** e o **espírito,** e a subordinação deste ao primeiro, como indica o verso já por vezes mencionado A estas duas partes da nossa alma correspondem a divisão de todas as religiões em domínio do **amor** e domínio da **fé.** Examinando porém menos superficialmente as acepções dessas palavras, descobre-se que o vocábulo coração tem um sentido duplo, exprimindo ora a ternura e outras vezes a coragem. E'

assim que Luís de Camões falando do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira diz na XXXVI do 4.º canto :

> ... **que, como sábio capitão,**
> **Tudo corria, e via e a** todos dava,
> **Com presença e palavras, coração.**

A linguagem, portanto, fiel depositária da observação universal, resume nessa única expressão o conjunto de nossos afetcs e de nossas qualidades práticas, isto é, o sentimento e a atividade. Essas decomposições sucessivas levam-nos à partilha final de nossa alma em **sentimento, atividade** e **inteligência,** segundo as indicações de senso comum, e que correspondem respectivamente às três ordens de produtos : afetos, conhecimentos, atos.

Antes de Gall, todas essas qualidades eram consideradas como as manifestações de uma entidade distinta do corpo ; quando muito, houve quem localizasse alguns instintos nas diferentes visceras. O grande mérito do pensador germânico é ter descoberto que o cérebro constitui órgão, a sede de todas as manifestações anímicas. Mas não foi o único : a ele se deve conjuntamente com George Leroy e Buffon a demonstração da existência dos instintos simpáticos. Toda a moral de S. Paulo baseia-se na distinção entre a **graça** que era um benefício de Deus concedido aos seus eleitos e a **carne** que designava o conjunto de todas as nossas paixões ruins. Isto queria dizer que o homem era naturalmente mau, e só o divino auxílio, a graça celestial, podia sugerir-lhe impulsos generosos.

Mísera sorte ! Estranha condição !

Pois bem, Senhores, os trabalhos de Buffon, Leroy e Gall demonstraram que esses atos que a moral católica atribuira à influência sobrenatural eram o resultado de funções naturais, comuns ao homem e aos animais superiores. Desde então a nossa existência moral se decompôs em instintos egoistas, que determinam atos com proveito direto do individuo, e propensões altruistas que nos levam a ações, só e só, pela satisfação moral que daí resulta. Os sentimentos generosos que até então eram considerados um privilégio dos eleitos de Deus, tornaram-se o apanágio de todos os homens, o resultado de uma função que pode ativar-se pelo exercício como todas as outras, ou minguar pela tibieza.

Notai que nesses estudos sobre a natureza humana os filósofos foram precedidos pelos grandes poetas, cujas composições idealizaram sempre os impulsos desinteressados de nossa alma, como haveis de reconhecer no exame especial do vate português.

Sem entrar na enumeração completa dos instintos egoistas, bastará recordar a sua multiplicidade. Quanto à região altruista, ela é constituída por três funções : a **veneração** para com os superiores, o **apego** entre os iguais, a **bondade** para com todos.

Tal é, em rápido esboço, a constituição geral de nossa alma e especialmente a sua composição afetiva, que vai permitir-nos o estabelecimento de uma religião demonstrada. Com efeito, para realizar esse estado plenamente sintético basta subordinar o conjunto de nossas faculdades ao impulso dos órgãos altruístas. Desde então a solução do grande problema humano pode resumir-se nesse verso característico :

Agir por afeição e pensar para agir

A reconhecida energia dos sentimentos egoístas parece oferecer um obstáculo insuperável à realização de semelhante máxima. Basta porém refletir que, por um lado, a síntese altruísta não exige o aniquilamento do interesse pessoal, senão que até consagra a sua justa satisfação como elemento imprescindível à existência individual. E, por outro lado, como o demonstra a sã biologia, todo órgão pode robustecer-se pelo exercício, ou atrofiar-se pela falta de cultura. Donde se conclui imediatamente que toda a questão resume-se em proporcionar a maior expansão aos atributos simpáticos e combater as demasias egoísticas, de modo a realizar conscientemente o aforisma plenamente demonstrado : — viver para outrem.

E de fato, Senhores, o que é a vida social no apogeu da civilização a que chegamos senão o devotamento de cada um por todos e o concurso incessante de todos por cada um ? Examinai qual o resultado imediato de vossos trabalhos quotidianos e dizei-me quem mais frui com o exercício da vossa atividade. Interrogai a vossa existência de todos os instantes e respondei-me o que seria de cada indivíduo sem o concurso da universalidade das gerações presentes e passadas. Pois bem, tenhamos consciência dessa cooperação ineludível, e demos a nossa abnegação e o enobrecimento dos atos voluntários e teremos conseguido a suprema felicidade pela convicção habitual do destino altruísta de nossas operações. O contrário, é transformar a nossa cooperação efetiva no concurso inconsciente dos instrumentos de trabalho que o gênio humano tem alevantado.

Mas não bastará, Senhores, a disposição de bem servir ; na frase do poeta :

... porque assi o pedia o coração
Quis Amor ser vencido da Razão.

Isto significa que as exigências mesmo de nossos impulsos altruístas tornam imprescindível a fé que nos revela o objeto único do amor universal. Enquanto os homens dividirem as suas simpatias por objetos diversos, que sejam Júpiter ou Cristo, a Pátria ou a Raça, havemos de contemplar a ferocidade retrógrada dos batalhadores e políticos de hoje.

E' necessário que os povos, como os indivíduos, reconheçam acima de si uma superioridade que os subjuga e os domina, apesar de todas as revoltas do egoísmo, mesmo ajudado pela inteligência anarquizada.

Foi o que sentiram os fundadores das religiões provisórias, proclamando a existência do Ente Supremo; ponto de convergência de todos os esforços pessoais e objeto invariável de todos os **dogmas.**

Pois bem, esse poder inquebrantável existe e é constituído pelo conjunto de leis físicas e morais que regem a nossa existência individual e a coletiva. Apesar de todos os protestos de nossos revolucionários que parecem ter contestado o arbítrio divino para mais comodamente adaptá-lo ao homem, mau grado todas as declamações sobre a liberdade individual, o homem é cada vez mais submisso ao conjunto de condições físicas e morais que resultam da evolução social. Mesmo nascidos na América, nenhum de nós é, o que seria se tivesse visto a luz quando as primeiras caravelas portuguesas aportaram a estas regiões. Ainda que filhos deste século, outra seria a nossa organização intelectual, e mesmo corpórea, se houvéramos tido por pátria o Japão ou a India. E eu vos pergunto, estaria em nossas mãos fazer com que assim não fosse? Certamente que não.

E', pois, forçoso reconhecer que superior ao indivíduo existe uma ordem imutável em seus fundamentos e a cujo império ele não poderá jamais furtar-se. Apreciada por nós, essa ordem decompõe-se em cosmológica e humana. Ora, é incontestável a influência de condições físicas na existência pessoal, e a elas se deve mesmo atribuir a diversidade de rumo que tomaram as gerações humanas conforme a posição que tiveram sobre o planeta. Mas é evidente também a supremacia da influência social: basta refletir que toda a América é hoje dividida entre duas massas de população, uma das quais frisa já os domínios da plena emancipação intelectual e moral, enquanto que a outra ainda se embala feliz e descuidada nas delícias ingênuas do fetichismo primitivo. E já lá se vão quatro séculos que dura o mesmo espetáculo: isto é, há já quatrocentos anos que os europeus fixados na América continuam na mesma evolução que os que se deixaram ficar no velho continente, e que, por seu lado, os selvagens mantêm-se, talvez aproximando-se de nós, nas crenças e usanças recebidas de seus pais.

Longe porém de ser-nos antagônica, essa ordem é demasiado propícia à nossa própria existência, favorecendo a expansão e desenvolvimento dos sentimentos altruístas e opondo barreiras insuperáveis às sugestões de nosso egoismo. Recordai por instantes o quadro atual da sociedade moderna, tão profundamente dilacerada, apesar da necessidade do concurso coletivo, para modificação do meio em que vivemos; e dizei-me se podeis imaginar qual a sorte que estava reservada à humana geração, se o egoismo individual pudesse dar largas às suas tendências anárquicas.

O sentimento inconsciente dessa proteção que para nós resulta da invariabilidade fundamental da ordem exterior, concorreu talvez para crença na intervenção benévola da divindade nos destinos humanos. Mas se estas considerações revelam o domínio inevitável de semelhante ordem, por outro lado demonstra que a **submissão** é a primeira das virtudes. Foi submetendo-se a

esse destino inflexível que nossos pais ligaram-se num esforço portentoso e conseguiram preparar-nos a situação que é hoje nosso orgulho, e devia ser antes incessante motivo de humilde veneração. Foi por isso também que nós dissemos: — a submissão e o amor triunfaram. Que valia ao indivíduo submeter-se sem o amor, imprescindível à vida social? A ordem cosmológica é-nos propícia, justamente por favorecer e dar vigor ao primeiro desenvolvimento do altruísmo nascente; mas ela levanta por outro lado obstáculos à plena confraternização dos indivíduos, que só o assíduo concurso das gerações humanas pôde superar. Por si o homem estaria condenado a exaurir a vida numa luta sem tréguas, como os animais privados das vantagens da existência coletiva. Isto nos demonstra que, no ponto de vista desse concurso efetivo, a concepção da Humanidade resume o dogma da religião positiva, isto é, a ordem que nos domina.

Entre o homem e o mundo é preciso a Humanidade

Cumpre, porém, determinar de modo mais preciso o caráter desse Ente Supremo do qual dependem nossos destinos atuais e a sorte das gerações por vir. Para isso é necessário examinar a natureza do concurso que cada indivíduo presta à existência coletiva.

Ora, ninguém poderá contestar que, mesmo depois de morto, o indivíduo coopera para o bem-estar social, e quiçá com mais eficácia; porque então esse concurso não é perturbado pelas **infrações** que são inerentes à existência objetiva. Aristóteles presta atualmente um concurso mais considerável à vida social do que na época em que floresceu. Podemos dizer sem mentira que o filósofo revive atualmente no cérebro dos pensadores modernos. Nesse concurso póstumo consiste o que Augusto Comte chamou **a vida subjetiva** do indivíduo.

Desde então a Humanidade, isto é, o **conjunto dos esforços** convergentes que asseguram a vida social, decompõe-se em duas massas desiguais pelo número e pelo contingente que prestam à existência individual. A população morta é cada vez mais considerável, e em si mesmo os verdadeiros promotores do grande progresso, isto é, os que asseguraram as conquistas essenciais à civilização. Porque, Senhores, se é verdade que só o esforço das gerações pode acumular os elementos, é também incontestável que esses elementos devem concentrar-se em um órgão individual, a fim de que da elaboração dele resulte qualquer aquisição para a espécie. E com efeito, se era impossível que Newton, sem os trabalhos astronômicos e matemáticos de seus antecessores, fosse capaz de descobrir a imortal lei que lhe gravou o nome nos astros, é certo também que o conhecimento desses trabalhos anteriores não bastam para qualquer homem extrair deles o celebrado princípio. Para compreenderdes o papel desses entes privilegiados, bastará lembrar-vos a perseguição e a miséria que os acompanham em vida, na quase totalidade dos casos. O concurso que prestam a seus contemporâneos é quase insignificante; mas por justa compensação, o prestigioso saber deles avulta com o perpassar das eras.

Ora, o exame da sociedade atual nos revela que o passado encerra cada vez mais os elementos de nossa própria existência: os vivos constituem apenas os depositários dos imensos capitais acumulados pelas gerações que já foram. A convicção desta realidade é de imenso alcance moral, porque tira aos vivos os elementos mais propícios ao desenvolvimento do apreço exagerado de si. Hoje, que todos os progressos essenciais estão realizados, só a ignorância dos nossos populares permite que o egoísmo repugnante de uma pedantocracia imoral explore a confiança pública a pretexto da cultura científica. Por outro lado se é forçado a abandonar totalmente a pretensão metafísica a **direitos**, que não podem ser reconhecidos em entes que tudo devem quanto possuem. Quando mesmo apareçam homens da estatura dos que elaboraram o capital social, a consciência de que seu concurso é perfeitamente dispensável deve impedi-los de assumir as pretensões inqualificáveis dos sábios atuais.

Tudo isto demonstra que o merecimento físico da antiguidade, depois de substituído pelo ascendente intelectual, há de ser definitivamente suplantado pela supremacia moral que o catolicismo tentou prematuramente estabelecer.

Tais são, Senhores, as considerações que nos levam a considerar a Humanidade como consistindo essencialmente no conjunto de nossos antepassados e vindouros; os primeiros fornecendo a base da nossa própria existência, e os segundos o objeto de todos os nossos esforços.

Mas, por outro lado, a consciência de que esse concurso só é eficaz quando se incorpora em um órgão individual, deve elevar-nos a nossos próprios olhos revelando-nos que a nossa cooperação é imprescindível à transmissão do capital social às gerações por vir. Portanto, a concepção da Humanidade tem o inestimável valor de inspirar-nos sentimentos da mais sincera humildade e ao mesmo tempo da mais elevada dignidade pessoal.

Aceita a subordinação do espírito ao coração, e demonstrada a existência do Ente Supremo capaz de suscitar veneração e devotamento, fica traçada a existência individual, pela consagração da inteligência e da atividade ao grandioso destino de conhecer e servir o objeto único do amor universal. Desde então surge a necessidade do culto sociolátrico, para assegurar e desenvolver a preponderância dos instintos altruístas, fonte primeira da unidade humana.

"Toda eficácia do culto positivo, diz Augusto Comte, repousa sobre a lei fundamental que faz resultar de um sábio exercício o aperfeiçoamento contínuo das faculdades humanas. A adoração do Ente Supremo os desenvolve simultaneamente, exprimindo sempre as nossas emoções idealizadas. Com efeito, a idealização do instinto altruísta consiste sobretudo em purificá-lo dos impulsos egoístas que de ordinário vêm de envolto com ele". Assim estremada de toda participação interesseira, a simpatia torna susceptível da expansão coletiva que exige para sua realização o concurso da inteligência e da atividade. Da inteligência pelos esforços mentais que se tornam indispensáveis à comuni-

cação ; da atividade pelo exercício muscular imprescindível à realização dos sinais fonéticos e plásticos exigidos para transmissão de nossos afetos e concepções.

Isto revela a eminente categoria reservada à arte na religião final, pois que "a poesia torna-se para logo a alma do **culto**, assim como a filosofia o é do **dogma** e a indústria o é do regimen".

Nas épocas normais o culto público consistirá na idealização : "dos laços fundamentais que constituem a existência social ; das preparações essenciais que ela exigiu ; das funções normais que a compõe". Atualmente, porém, o que mais urge é reatar a continuidade histórica desenvolvendo o amor pelo passado. Foi por isso que o fundador da religião positiva estabeleceu a comemoração dos grandes tipos da Humanidade como mais apropriada à época de transição por que passamos.

Tal é a nossos olhos o caráter da festa que hoje celebramos. Depois de haver manifestado na própria existência as eminentes qualidades da nossa raça, Luís de Camões as evidenciou em uma epopéia verdadeiramente grandiosa, idealizando o concurso por ela prestado à evolução coletiva. Já credor de nossa veneração por semelhante fato, ele multiplicou os títulos ao nosso reconhecimento trazendo o seu valioso contingente para o estudo da natureza humana na poesia lírica que nos legou.

A EVOLUÇÃO

Bem quizéramos penetrar imediatamente na apreciação do papel que os destinos assinaram à nacionalidade portuguesa no conjunto da evolução humana; sentimos, porém, saltear-nos o espírito uma série de questões. Porque não se trata simplesmente do exame de um caso particular, submetendo-o ao critério indiscutível de uma doutrina aceita por comum acordo. Neste momento tudo se discute: a nacionalidade, a raça, o progresso, a religião... tornam-se temas de teorias as mais opostas; e, o que mais é, pejadas de ameaças para a tranqüilidade dos povos. E' em nome das nacionalidades que a Europa se degladia com a ferocidade de Vândalos; é em nome do progresso que um certo grupo de revolucionários esforça-se por voltar à poligamia legalizando a mais cínica das monstruosidades, — a comunhão afetiva dos esposos. Isto impõe-nos a necessidade imprescindível de estabelecer os princípios antes de passar a estimação dos fatos; porque, segundo o ponto de vista em que os julgarmos, os mesmos acontecimentos merecerão aplausos ou vitupérios.

Todos os problemas sociais prendem-se ao conhecimento preliminar da natureza humana, — o elemento primário das sociedades. Devemos pois ainda uma vez recordar-vos sumariamente o que expuzemos há pouco com referência a este ponto. Diremos então que a natureza psicológica do homem e dos animais superiores era construída num só tipo; e que entre eles, a sã filosofia era forçada a reconhecer **unicamente** diferenças na intensidade de funções comuns. Tanto em uns como em outros, o exame biológico descobre a existência de instintos morais, funções intelectuais e qualidades práticas. Entre os instintos distingue os impulsos egoístas e as propensões altruístas; entre as funções intelectuais reconhece-se a contemplação, a meditação e a expressão; entre as qualidades práticas finalmente demonstra a coragem que impele, a prudência que retem, e a firmeza que persevera.

Esta análise nos obriga a admitir que fundamentalmente todos os homens se equivalem, e portanto a sustentar, sob o ponto de vista biológico, a unidade da espécie humana, procurando algures as condições que determinaram a diferenciação dos povos, isto é, a constituição sociológica das raças. Ora as leis reconhecidas da animalidade, e as situações planetárias do homem em tempos

primitivos lutam para dar-nos conta de semelhante fenômeno. Por um lado, é sabido que o exercício de uma função desenvolve o órgão respectivo, e que a hereditariedade fixa nos descendentes os aperfeiçoamentos adquiridos pelos antepassados. Por outro lado, é evidente que as condições de clima e a natureza da região ocupada na superfície da terra devem produzir a cultura mais assídua de órgãos diversos. O povo exposto à vegetação luxuriante dos trópicos não tem por certo de desenvolver recursos intelectuais e práticos nas proporções do mísero habitante das regiões polares. Combinai as leis que acabamos de mencionar-vos e tereis a explicação satisfatória das desigualdades étnicas.

Reduzido, por essa forma, a seus verdadeiros termos a questão das raças humanas, resta o problema das nacionalidades e fixação das pátrias. Ora, ainda neste ponto a solução vai prender-se à teoria de nossa constituição anímica. "Porque todo organismo coletivo supõe o concurso de três ordens de funções cerebrais. A extensão porém dos diferentes grupos, isto é, o número dos indivíduos que os constituem exige o ascendente especial de cada uma delas. Daí três ordens de associações, assim classificadas, segundo a intimidade decrescente e a extensão crescente. A única naturalmente fundada no amor, — a **Família** — é a sociedade mais íntima e mais restrita, elemento necessário das outras duas. A atividade constitui depois a **Cidade**, na qual o laço resulta sobretudo da cooperação habitual, incapaz de ser percebida se esta associação política combinar grande número de associações domésticas. Vem por último a **Igreja** que, ligando-nos essencialmente pela fé, é a única suscetível de verdadeira universalidade".

Esse trecho de Augusto Comte demonstra, a não deixar dúvida, que a Pátria não comporta a vastidão dos estados atuais ; e por outro lado explica-nos a necessidade da cooperação efetiva, — do concurso diretamente partilhado e reconhecido, em uma operação prática, — para constituição das nacionalidades. Insistimos neste ponto, porque é o único princípio capaz de esclarecer a constituição autonômica de Portugal na península ibérica.

Afastadas essas duas questões preliminares, cumpre-nos estabelecer precisamente em que consiste o progresso das sociedades humanas. Ora, o exame das situações anteriores demonstra que toda a marcha da civilização tem consistido no desenvolvimento de nossas funções cerebrais ; de modo a aproximar-nos do estado de plena unidade que tentamos esboçar-vos no começo. Este enunciado já revela que as diferentes partes da alma humana devem ter obedecido a leis determinadas, de cujo conhecimento depende a compreensão do passado, o juízo do presente e a previsão do futuro.

Antes de tudo é necessário observar que todas as alterações, assim produzidas, provém da ação do mundo sobre a natureza humana. Daí resulta que só a inteligência e a atividade imediatamente relacionadas com o exterior, uma pelos órgãos dos sentidos, outra pelo aparelho muscular, — devem comportar leis peculiares. E que a evolução simpática será uma resultante dos progressos intelectuais e práticos diretamente realizados.

Duas são as leis que regem a marcha da inteligência. A primeira refere-se ao modo pelo qual as nossas concepções subjetivas tendem a subordinar-se ao espetáculo exterior ; e constitui a **lei dos três estados**, formulada nestes termos: as nossas concepções são fictícias primeiro, depois abstratas e finalmente positivas. A segunda explica a simultaneidade dos três modos de filosofar, pela diversidade das acelerações com que o espírito humano os atravessa, conforme a natureza dos fenômenos ; é a lei da hierarquia científica.

A estas duas leis intelectuais corresponde uma que rege o desenvolvimento prático, assegurando a passagem do estado militar para a civlizacão industrial por intermédio de uma fase, em que a guerra cessa de ser conquistadora, para tornar-se defensiva.

Tais são os elementos imprescindíveis à compreensão da história, e a cuja luz vamos traçar rapidamente a evolução a que se filia o movimento português.

Colocado em face de uma natureza que o dominava, e em cuja variabilidade incessante não podia apanhar a mais insignificante persistência ; consciente por outro lado dos impulsos que determinavam suas ações, e nos quais tudo devia afigurar-se-lhe caprichoso e desconexo : — o homem viu-se na contingência de conceber o mundo como julgava de si — e deu vida, e deu sentimento, aos seres que o rodeavam. Demais as manifestações grandiosas dos fenômenos naturais deviam encher-lhe a alma de pavoroso assombro ; e a veneração incliná-lo a adorar e implorar em seu auxílio a proteção de entes, que por modo tão sobre-humano manifestavam o seu poder. Surgiu então o fetichismo primitivo e com ele a cultura rudimentar de todos os atributos cerebrais. A inteligência aprendeu a conhecer e a nomear as substâncias que eram os fetiches ; a atividade destruidora a conter-se ante a carater divino dos animais e plantas ; o egoísmo a comprimir-se pela abstenção que daí resultava ; e os órgãos superiores do sentimento a expandirem-se em atos de reconhecimento e amor pela proteção suposta. Que importa que tudo isso fosse fictício ? Benditas ilusões ! Gérmen fecundo de toda a grandeza posterior do gênero humano !

E aí não pararam os serviços do fetichismo. O amor do solo natal vinculou o homem à terra e transformou a existência nômade na vida sedentária, desde que as condições benéficas de um clima salutar proporcionavam-lhe algumas doçuras no meio das inclemências de tantas privações. O homem aprendeu a ter carinhos para a mãe enternecida de cujo seio ubérrimo brotavam-lhe as fontes de vida e as delícias do repouso ; pôde contemplar com amoroso enlevo a serenidade do astro que vinha periodicamente inundar de luz a escuridão de suas noites ; e apreciar a influência desse foco deslumbrante, a cujo aparecimento quotidiano a natureza inteira parecia despertar. Foi então que nossos pais subiram ao estado astrolátrico preparando a transição suave para o politeismo.

A história não oferece passagem de maior alcance, nem de mais difícil realização : para o fetichismo inicial bastara o sentimento ; para a ascenção

ao politeismo, tornava-se imprescindível o concurso das mais elevadas faculdades intelectuais. O homem devia abstrair : conceber as qualidades independente dos seres que lhes eram a sede. As qualidades, dizemos, porque as relações abstratas só mais tarde seriam descobertas.

O inconveniente principal do fetichsmo era não permitir a constituição de uma classe sacerdotal ; porque a natureza pessoal do fetiche dispensava da intervenção de um ministro entre o crente e a divindade. Mas, com o politeísmo, surgia a necessidade desse mediador e, consequentemente, a organização de uma classe contemplativa. A esta revolução mental correspondeu a constituição do regimen teocrático, — a única ordem completa de que foi suscetível a época de preparação da humanidade. Todas as demais fases preliminares consistiram na decomposição desse regimen que lhes forneceu sempre a pouca consistência que tiveram. "Duas instituições o caracterizam : a hereditariedade das funções e a supremacia da classe sacerdotal. A primeira é o único meio de aquisição, conservação, e, até certo ponto, progresso dos conhecimentos teóricos e práticos nessas idades em que mais se aprendia pela imitação do que pelo ensino. A segunda, estabelece um elo imprescindível entre as castas isoladas que tenderiam a formar-se. E a persistência de semelhante regimen exigia um conjunto de condições cosmológicas, tendentes a po-lo ao abrigo dos povos nômades pela interposição dos desertos e montanhas ; e a proporcionar-lhes, por outro lado, fácil existência sob um clima moderado."

"Mas esse estado, por melhor que se adapte à infância da Humanidade, transforma-se em cárcere quando as suas forças começam a expandir-se. A sociabilidade é comprimida em uma constituição que assina à existência um destino exclusivamente pessoal ; a inteligência, unicamente empregada na satisfação das necessidades práticas, sente-se abafada. Não menos hostil à atividade coletiva do que à especulação abstrada, de contínuo sofreada pelo carater absoluto da coordenação teológica, a teocracia tende a imobilizar as forças humanas. Demais como parte alguma do sistema pode ser tocada, sem que o resto se abale também, só fica para semelhante regimen a alternativa de estacionar ou morrer" (P. Laffitte).

No entanto, era fatal que esse abalo se produzisse, porque assim o exigia a nossa constituição cerebral ; e é tão absurdo querer sustar-lhe a evolução, como tolher aos astros o movimento que os impele. Nestas condições as teocracias recorreram às expedições militares por longínquas regiões, como um recurso de lançar para fora os espíritos mais inquietos. Originaram-se por esta forma as diversas colônias, que foram encarregadas da heróica missão de transformar o politeismo conservador em politeismo progressivo. Mas ainda assim as teocracias não puderam impedir o ascendente dos guerreiros sobre os sacerdotes, que se verificou mesmo entre os Judeus, quando os juízes foram substituídos pelos reis.

Devemos insistir na transição do politeismo teocrático para o politeismo progressivo e bem assim nas conseqüências que resultam do regimen militar,

por serem imprescindíveis à história da península ibérica. Ainda neste caso é fácil de ver que as condições geográficas explicam suficientemente as qualidades que o hábito desenvolveu e a hereditariedade fixou com o correr dos séculos.

Colocados em regiões que só o árduo trabalho permitiria cultivar, de modo a assegurar a comum subsistência ; e demasiado próximos uns de outros para se não passarem despercebidos ; — certos povos viram-se na necessidade de recorrer à força para assegurar a própria vida. Desde então a constituição teocrática teve de modificar-se profundamente. O regimen de castas não podia permanecer integral numa sociedade cujo objetivo era a luta. Dessa antiga instituição só ficou a linha divisória que separava os chefes dos soldados, absorvendo aqueles as atribuições do sacerdócio. Mesmo essa distinção perdia de seu carater ; porque o batalhar de todo instante indicaria àqueles que jogavam a vida em comum qual o digno de levá-los à peleja. Assim o regimen eletivo surgia naturalmente ; e à classificação pelo nascimento substituia-se a hierarquia do mérito. Desde então a veneração pelos superiores, que fora até esse momento teocrática, porque as castas filiavam-se a progenitores divinos, — transformou-se em **sociocrática,** isto é, o homem começou a ser venerado só e só pela função social que preenchia.

Apreciando as conseqüências de semelhante regimen, o que logo salta aos olhos é a sua aptidão a desenvolver as qualidades práticas. Quem mais do que o homem que a todo instante enfrenta com a morte e mede-lhe as proporções, pode robustecer a coragem para arrostá-la, a prudência para não sacrificar-se sem proveito, a firmeza para aceitá-la resoluto em bem da Pátria ? Mas se o desenvolvimento das qualidades práticas é o resultado imediato, não é com certeza o único. Com efeito ao sentimento de concurso e abnegação imprescindíveis à guerra, junta-se em breve a consciência da própria dignidade, o sentimento da honra de quem sente que a sorte de todos já dependera exclusivamente de si. Favorece o desenvolvimento intelectual ; porque as necessidades da luta tornam indispensável a concepção de meios destinados a vencer os obstáculos naturais ; argúcias engenhosas para surpreender o inimigo vigilante ; e conjecturas perspicazes tendentes a prever o movimento do combatente adverso.

E' nessa fase que surge a instituição máxima da família monogâmica. Desde que o guerreiro se vê forçado a afastar-se do domicílio habitual, a mulher assume a presidência dos negócios domésticos. Então a necessidade de comando e a consciência da própria dignidade, que por ele se desenvolve, tornam impossível a concorrência, e a poligamia sucumbe.

E' ainda nesse período que se origina o estabelecimento da escravidão, quase desconhecida das teocracias. Semelhante instituição foi uma necessidade, atento que o guerreiro só excepcionalmente podia consagrar-se à cultura da terra ; mas foi também um progresso porque poupou a vida dos vencidos, outrora votados inevitavelmente à morte.

Mas todos esses resultados supõe que o regimen militar tenha encontrado condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Com efeito se o povo guerreiro é cercado de nações teocráticas, incapazes de oferecerem-lhe séria resistência, a facilidade de conquista e a opulência da presa quebrar-lhe-ão a energia, proporcionando-lhe as comodidades que ambicionava. Desde então os dois povos misturam os seus vícios, em vez de assimilarem-se as virtudes respectivas, e dessa fusão monstruosa só pode resultar a decadência de ambas. Foi o que se deu com a Grécia. Aí a atividade militar não podendo sistematizar-se pela conquista, as qualidades mentais que ela desenvolvera, lançaram os espíritos superiores no caminho das grandes concepções abstratas, estéticas primeiro, filosóficas e científicas mais tarde. A Humanidade assistiu então ao mísero espetáculo de um povo inteiro sacrificado ao desenvolvimento intelectual, que um pugilo de grandes homens pôde só realizar. O povo incapaz de segui-los, nos arrojos de suas profundas concepções, entregou-se à admiração exclusiva dos talentos de expressão, e seria vítima da tirania de qualquer retórica se a conquista romana não viesse por termo à semelhante degradação, na frase de Augusto Comte.

Mas se o povo é rodeado de populações guerreiras, também a luta é porfiada ; e ambas as partes necessitam desenvolver no mais alto grau as qualidades que são a conseqüência do regimen militar. O dia da vitória torna-se a aurora de uma assimilação eficaz, porque o hábito da luta e a consciência das dificuldades superadas geram no ânimo do vencedor o respeito por aqueles em quem encontrou as mesmas virtudes. Os dois povos se congraçam e marcham unidos para o comum destino. Tal foi a sorte de Roma enquanto as suas guerras visaram a Itália, a Espanha e as Gálias que as teocracias conquistadas jamais foram assimiladas. Aí o destino prático que tiveram os esforços intelectuais conseguiu estabelecer a subordinação da inteligência e da atividade ao sentimento de amor que votavam à Pátria. Viu-se então a grandiosa existência de um grupo crescente de populações, absorvido na realização de um objetivo único, abraçado com fervoroso entusiasmo por aqueles que se vinham sucessivamente adicionando. E' que a obra da civilização romana exigia o concurso de todos os cidadãos e não podia ser levada ao cabo, com o esforço isolado de um grupo de generais.

Mas desde que Roma encontrou também as grandes teocracias do Oriente, se foram aniquilando as poderosas virtudes que haviam assegurado a realização de seu imenso destino. A conquista cessou e iniciou-se a defesa ; as paixões ruins se desencadearam ; e toda a habilidade dos grandes jurisconsultos foi impotente para conter essas populações sem freio algum espiritual. Tanto é verdade a ineficácia das leis, quando faltam as convicções morais e a consciência do dever.

No meio desse imenso descalabro social, o politeismo havia desaparecido; o monoteismo preparado pelos pensadores gregos foi ganhando todas as naturezas capazes de sentir a necessidade de uma nova síntese, como fundamento imprescindível de um regimen também novo. Foi então que, ao impulso de

S. Paulo, surgiu o catolicismo ; "mas a natureza profundamente contraditória de semelhante construção indicava já que essa última transição seria mais rápida e menos extensa do que as preparações anteriores." Porque o objetivo principal, a regulamentação das forças humanas desenvolvidas pela evolução greco-romana, — necessitava da divisão dos dois poderes, a separação da **igreja do estado**, para servir-nos de uma expressão consagrada pelo uso. Ora, semelhante divisão exige que o poder espiritual seja de natureza a impor-se pela convicção, sem recorrer jamais à violência ; isto revela a impossibilidade da manutenção de um sacerdócio apoiado em uma fé indemonstrável.

Sob o impulso religioso, o regimen feudal, que surgira naturalmente da transformação da conquista em defesa, firmou-se e desenvolveu-se, determinando a constituição de pequenos estados independentes. A este período de formação que vai até o VII século de nossa era sucede uma época em "que a necessidade de coordenação torna-se dominante para repelir as invasões perturbadoras das populações, suscetíveis de incorporação ocidental, por sua fácil conversão ao catolicismo. Esta atividade coletiva do ocidente é dirigida pela ditadura do incomparável Carlos Magno, dignamente completado por seus sucessores germânicos".

"Funda-se por esta forma a República Ocidental, na qual a antiga comunhão devida à incorporação forçada — transformou-se em uma associação voluntária de estados independentes, ligados unicamente pelo laço espiritual."

Nesta segunda fase o Oriente foi teatro de uma vasta comoção que reagiu em breve sobre o Ocidente. As necessidades de uma religião universal determinaram o aparecimento do monoteismo islâmico radicalmente incompatível com o catolicismo, pela confusão dos dois poderes. Do choque dos dois monoteismos, que se estende do XI ao XIII séculos, era fatal que resultasse o descrédito de ambos. Mas ele determinou a afirmação do feudalismo nesses movimentos coletivos que constituiram as Cruzadas do XII século ; as quais asseguraram a existência autonômica do Ocidente, desenvolveram ao mesmo tempo os sentimentos de independência e concurso. Desde então o mundo romano divide-se entre os dois monoteismos cuja eliminação só foi retardada pela ausência de um regimen capaz de substituir-se a ambos.

REVOLUÇÃO OCIDENTAL

Nos fins do XIII século estavam exaustos os elementos de vitalidade da síntese teológica ; e cada uma de suas fases decisivas havia realizado a preparação dos diversos aspectos de nossa natureza individual e coletiva. Durante o fetichismo, operou-se a cultura universal do sentimento ; o politeismo assistiu ao desenvolvimento coletivo da atividade ; e finalmente o monoteismo determinou a expansão intelectual das populações, pelos esforços de abstração exigida para compreensão do dogma.

Tal foi a ação de cada uma dessas fases sob o aspecto geral ; mas o caráter religioso delas, que assinou sempre um objetivo comum a todas as existências, preservou-as de uma dissolução anárquica; e as qualidades especiais de nossa natureza continuaram a receber desenvolvimentos parciais. Assim, examinando o cultivo particular das funções altruistas, reconhece-se que o fetichismo desenvolveu sobretudo o apego ; o politeismo a veneração ; e o monoteismo o amor universal, a caridade dos cristãos. Que importa ao exercício funcional que o homem ame o próximo por amor de deus ? e que a esperança de uma recompensa extra-mundana dirija sobre a terra os seus devotamentos filantrópicos ? O hábito desenvolverá as aptidões afetivas do indivíduo, e a hereditariedade fixará na descendência os progressos assim adquiridos.

Por outro lado o politeismo militar determinara na Grécia o desenvolvimento do **espírito relativo** pela criação da ciência abstrata ; e, promovendo em Roma a subordinação da inteligência à atividade, preparou a obra da evolução medieva. Surgiu então o problema da incorporação proletária pela libertação do trabalhador; e afirmou-se com a emancipação feminina, a missão augusta da mulher no regimen definitivo.

O conjunto dessas preparações resumia pois nestes termos o problema humano : **a conversão da existência militar** em **atividade pacífica.** Mas como consegui-lo, enquanto o mundo se partilhasse em crenças diversas e até opostas ? O embate dos dois últimos monoteismos provara irrevogavelmente a inépcia de qualquer deles para empreender a realização de tão momentoso cometimento.

E por outro lado a existência dessa República Ocidental fracionada em pequenos estados políticos confraternizados pelo catolicismo demonstrava que a solução do grandioso problema exigia a constituição das **pátrias** nacionais pela cooperação efetiva, e da Igreja planetária pela construção da fé universal.

Ora tudo concorre então para evidenciar, que somente um sistema de crenças rigorosamente demonstradas, podia levar a convicção a todos os espíritos, e permitir a constituição de um poder espiritual verdadeiramente inabalável. As exigências da época eram portanto intelectuais; e a evolução pretérita indicava ao espírito humano o prosseguimento da evolução grega. A ciência, e não a teologia, a humildade do **espírito relativo**, e não as pretensões orgulhosas do **absoluto**, poderiam só tomar a ombros semelhante empresa.

Notai que o monoteismo de S. Paulo havia preparado as condições mentais necessárias ao advento dessa nova fé. Com efeito ela exigia nas massas o desenvolvimento das aptidões abstratas, requisito imprescindível à compreensão científica; e essas aptidões, quem mais do que o cristão as desenvolveu? Ele que vive num mundo de puras entidades subjetivas, obrigado a contemplar o seu deus por sinais que nada representam e despido do auxílio poderoso das imagens.

As populações profundamente católicas eram portanto as que estavam mais aptas à compreensão do novo dogma.

E como explicar-se, pois, que justamente fossem elas as que alheiaram-se de sua elaboração.

Para este resultado concorre principalmente o fato de ter o catolicismo rompido a continuidade social, negando a sua filiação ao conjunto da evolução transata.

Não se tivera operado semelhante ruptura os espíritos emancipados do clero, compreenderiam as necessidades da situação e retomando o movimento grego teriam preparado gradualmente a transformação do regimen medievo no regimen sociocrático que tudo anunciava. Semelhante hipótese não se podendo realizar, essa transição teve de operar-se por meio de uma revolução caracterizada pela dissolução do regimen teológico-feudal e pela constituição demorada dos elementos da ordem final. Enquanto esse trabalho pôde realizar-se espontaneamente, modificando a pouco e pouco a civilização medieva, os povos latinos estiveram na vanguarda; quando porém começou a demolição sistemática do imenso edifício, o gênio sintético dos povos mais adiantados sobressaltou-se e opôs barreiras a um movimento que se antolhava essencialmente anárquico. Por outro lado, o progresso moral das populações a quem a incorporação romana fizera apreciar antes do catolicismo a dignidade das matronas, repeliu com repugnância uma **reforma** que se iniciava proclamando a degradação feminina. Mas não precipitemos a apreciação do movimento revolucionário, cujas causas acabamos de apontar.

Desde que o rompimento com o passado impedia aos pensadores católicos a compreensão dos verdadeiros elementos da reforma urgentemente reclamada por todos, a situação revolucionária tornava-se imprescindível ao advento do regimen final. Por um lado, era necessário aluir até seus fundamentos a síntese absoluta, e por outro, alevantar, no mais aceso da tremenda luta, os materiais da construção futura. Isto determinava dois movimentos simultâneos: um negativo, tendo por objeto a demolição do regimen medievo;

outro positivo, tendente a preparar os fundamentos da sociocracia final. Ambos foram a princípio espontâneos: mas o trabalho de aniquilamento, tendo um objetivo claramente definido, sistematizou-se em pouco tempo, ao passo que a elaboração orgânica teve de prosseguir numa dispersão anárquica, fornecendo apenas elementos para a ruína decisiva do antigo regimen. Originaram-se conseqüentemente duas espécies de negativismo: um essencialmente metafísico, incompleto, limitou-se a combater o regimen católico-feudal quanto bastasse para organizar a união híbrida da pedantocracia helênica com as pretensões temporais do papado. Foi propriamente constituído pelo movimento protestante. O outro, originado dos elementos positivos em gestação, afirmou-se para logo, completo; e à gênese absoluta da teologia, opôs a concepção materialista do universo, o absoluto científico, eliminando corajosamente a intervenção do sabrenatural. E se o primeiro foi imprescindível ao triunfo popular do segundo, ele, e só ele, pode libertar a humanidade da semi-putrefação a que o protestantismo parecia condená-la.

Positivamente considerada, a transição moderna devia limitar-se a desenvolver as aptidões práticas peculiares à atividade industrial e as aquisições intelectuais imprescindíveis à construção do futuro dogma. Isto impunha o sacrifício das qualidades simpáticas e sintéticas, que a civilização medieva desenvolvera; porque a regulamentação moral, como as vistas do conjunto só podendo basear-se nos fundamentos tirados da ordem católico-feudal, seria de natureza a obstar o movimento revolucionário.

Mas por outro lado, a existência social tornava imprescindível a manutenção das conquistas morais realizadas, e exigia por condição fundamental a permanência de muitas das peças do regimen anterior. Daí resultava a necessidade de uma resistência sistemática ao impulso demolidor, de modo a impedir o desmoronamento repentino e a subversão conseqüente da civilização ocidental. Esse papel grandioso coube essencialmente ao sexo afetivo; e a civilização medieva, emancipando a mulher, preparou o anjo tutelar que devia assegurar à Humanidade o êxito triunfal da temerosa crise. No meio das grosserias do seu industrialismo egoista, e do materialismo de uma ciência dispersiva, a mulher conservava-se indiferente, lançando as vistas saudosas para a poética existência dos tempos cavalheirescos. E o filho que ela dirigira até o momento de penetrar na grande luta, não podendo impedir os impulsos generosos que o coração materno derramara-lhe nalma, precipitava-se afanoso após a regeneração humana.

Em torno dessa cooperação afetiva das nossas mães grupam-se os dois sistemas de forças especiais que determinaram o movimento moderno. De um lado o sistema de forças homogêneas que preparou o advento do regimen normal; de outro, o sistema de forças heterogênias que secundou a providência moral do sexo afetivo resistindo ao aniquilamento do regimen medievo.

Sob o aspecto espiritual, a influência positiva resume-se no prosseguimento da elaboração grega; e sob o aspecto temporal consiste ela na ação da massa proletária, desde que a abolição do trabalho escravo determinou a distinção

entre empresários e trabalhadores. Desde então a concentração dos capitais nas mãos dos primeiros permitiu corrigir o egoismo primitivo das operações industriais, assegurando a atividade coletiva dos operários. E ao mesmo tempo a invenção das máquinas elevava a dignidade e o poder de ambos. Mas o concurso da massa proletária foi sobretudo moral; determinando a atenção das classes dirigentes a não afastar-se das necessidades sociais.

A estes dois elementos capitais devemos juntar um complemento: a influência estética. O seu papel consistiu em secundar a ação do sexo afetivo, mantendo a cultura dos sentimentos apesar do caráter em geral crítico das composições deste período.

As forças reacionárias consistem fundamentalmente nos poderes constituídos, firmando sobretudo a ditadura temporal que se consolidara pela subordinação do poder espiritual. A essas duas resistências, devemos juntar secundariamente a ação dos universitários e legistas que representam os restos da antiga divisão dos poderes sociais.

A ação dos legistas, apesar de provisória como a dos metafísicos, tem contudo a vantagem de continuar a elaboração dos antigos jurisconsultos para constituição de regras de conduta independente de motivos sobre-humanos. Os metafísicos. essencialmente literatos, tiveram a momentânea utilidade de propagar as concepções críticas, originadas da ciência e que foram imprescindíveis para determinar o completo aniquilamento do regimen anterior.

Entretanto, na apreciação da marcha da evolução moderna, cumpre distinguir o período da decomposição espontânea, comum a todo ocidente, da fase da decomposição sistemática de que foram preservados os elementos meridionais até a grande crise de 1789. O primeiro compreende os XIV e XV séculos; e a segunda, que abrange os três séculos seguintes, decompõe-se naturalmente em dois períodos, conforme o negativismo é completo ou incompleto. O primeiro caso realizou-se nos elementos setentrionais da república ocidental; e o segundo realizou-se no elemento central: a França, dando em resultado a grande crise que já dura há 92 anos.

Completa assim a apreciação abstrata da revolução moderna, podemos entrar na rápida indicação de sua realização histórica.

Dos dois séculos que abrangem a decomposição espontânea, o primeiro assistiu à formação das igrejas nacionais, favorecida pelas aspirações temporais do papado que, nacionalizando-se, confessava implicitamente a decadência do poder espiritual. Então o século seguinte assegura a constituição da ditadura temporal concentrando toda a autoridade em mãos de um soberano ou de uma aristocracia.

Sob o aspecto teórico esse período é notável pelo desenvolvimento da alquimia que permitiu esboçar a jornada científica, anunciando a ligação da cosmologia à biologia e privou, ao mesmo tempo, o dogma da invariabilidade das leis naturais, do seu caráter absoluto, fatalista, estendendo-se a fenômenos eminentemente modificáveis. Por outro lado, os progressos do nominalismo asseguram a marcha do espírito relativo; e a existência de teoristas abran-

gendo com suas meditações a astrologia, a alquimia e a medicina, fazia antever o advento do regimen enciclopédico, condenado atualmente pelas mediocridades acadêmicas. O desenvolvimento estético revela-se, no começo deste período, segundo frase de Augusto Comte — pela incomparável epopéia que até hoje constitui o melhor título da arte humana — o poema de Dante ; e no XV século pelas composições místicas, a **última produção do catolicismo.** — Entre estas sobressai o poema de Kempis, a Imitação de Cristo, esboço grosseiro, mas sublime, do quadro sistemático da natureza humana — ainda na fase do mesmo pensador.

O fracionamento da república ocidental, que resultou da ruptura do laço espiritual, por um lado, e por outro o caráter híbrido dos chefes agrícolas, concorreu para restringir a constituição industrial principalmente ao fabrico. Mas nesse ramo afirma-se a divisão normal de empresários e trabalhadores pela instituição de exércitos permanentes ; e ao mesmo tempo a constituição artificial das grandes nacionalidades impediu o maior desenvolvimento egoista para que tendia a expansão industrial. Quanto aos resultados práticos, resumem-se no emprego das armas de fogo que, dispensando a aprendizagem das armas antigas, desfechou profundo golpe na organização militar ; na invenção da imprensa e da bússola e na exploração integral do planeta que asseguraram o advento da atividade pacífica.

O caráter intelectual da transição moderna assinava para berço da imprensa os países onde havia de rebentar o movimento revolucionário ; ao passo que o caráter social do último feito assegurava-o nos países profundamente católicos.

Até aqui o movimento foi comum aos povos do ocidente : agora, porém, que as necessidades da situação iriam determinar, por um lado, o advento do negativismo e, por outro, a organização da resistência católica, como único sistema capaz de impedir o desmoronamento repentino da civilização ocidental, traçava-se procedimento diverso às populações que o constituem.

O apreço em que a degradação moral fez ter o desenvolvimento industrial e científico leva a supor aos revolucionários a inferioridade dos países que não partilharam do movimento demolidor. Torna-se, pois, urgente demonstrar que a resistência, em semelhantes condições, exigia a superioridade moral, intelectual e prática das populações estacionárias.

Com efeito, sob o aspecto abstrato o negativismo protestante consiste essencialmente em simplificar o catolicismo de modo a conduzi-lo ao monoteismo islâmico. Destas simplificações devo insistir especialmente na que afetou o regimen ; sistematizou-se a confusão dos dois poderes, temporal e espiritual, e a poligamia não só sucessiva, sob a forma de divórcio, como até simultânea.

Ora, os povos que constituem o grupo meridional e sobretudo a Espanha haviam já realizado a consolidação da ditadura temporal sob a forma monárquica ; e a cultura afetiva, — esse glorioso característico de nossa raça, — não podia encarar sem horror para a mais aviltante das degradações modernas.

Não, senhores, o berço sagrado de Dante e Beatriz, Tasso e Leonora, Petrarca e Laura, Camões e Catarina não podia proporcionar alento e vida à semelhante monstruosidade.

À sequidão integral do protestantismo nascente, os estímulos amorosos de nossa raça haviam de opor o culto fervoroso da Virgem Imaculada ; à cultura desordenada da inteligência, o desenvolvimento sistemático e perseverante do coração humano.

Quanto às aptidões intelectuais eu vos perguntarei qual exige maiores esforços mentais, se a interpretação individual da biblia, se a demonstração arguciosa de um sistema absoluto manifestamente oposto às exigências da razão humana? Todos os que passamos pela iniciação católica podemos atestar se houve jamais um único argumento protestante capaz de lançar por terra a dedução rigorosa dos pensadores romanos ; a emancipação dos espíritos religiosamente cultivados pelo sacerdócio ortodoxo não é divida principal à influência das aquisições científicas.

Demais, cumpre não confundir o desenvolvimento de nossas funções intelectuais, — que é o essencial para o advento do regimen sociocrático, — com as conquistas científicas propriamente. Ora, durante o domínio católico todas as funções continuaram a receber assídua cultura ; mesmo porque os desenvolvimentos teóricos só manifestando irrecusavemente a sua oposição à teologia, com a constituição da ciência social, o sacerdócio pôde adaptar todos os progressos positivos à concepção monoteica do catolicismo. Isto significa que as nossas funções intelectuais continuaram a desenvolver-se sem afastar-nos jamais do ponto de vista sintético. Dessa situação intelectual e moral resultou a convergência de todos os esforços ativos, para um objetivo comum; — que conquanto sobrenatural, — nem por isso deixava de ser preferível aos desregramentos egoistas dos povos revolucionados.

De tudo quanto acabamos de lembrar-vos resulta que a organização da resistência importava o concurso das populações mais avançadas, pelas qualidades simpáticas, sintéticas e sinérgicas que lhe são imprescindiveis. E por outro lado a formação de um corpo sacerdotal que substituisse o papado nacionalizado, e cuja autoridade resultasse exclusivamente do domínio das consciências individuais. Tal foi o imenso alcance social da instituição dos jesuitas, tão injustamente apreciados pelo espírito revolucionário. Não seremos os positivistas que iremos fazer a apoteose dos crimes condenáveis a que a situação os obrigou a lançar mão posteriormente. Mas, diante das necessidades sociais que exigiam a ação incontestavelmente superior dos filhos de S. Inácio, as fases de dificuldades com que tiveram de lutar, não compreendemos que se contestem os serviços reais que prestaram à civilização, sistematizando a resistência católica.

Para demonstrar a inferioridade das populações setentrionais que acolheram primitivamente o negativismo sistemático, bastará lembrar que elas só o aceitaram na fase protestante, pela organização monstruosa de um estado de semi-putrefação que tende a prolongar indefinidamente a degra-

dação humana. Foi necessário que o elemento central, — anteriormente assimilado pela civilização romana, — completasse o aniquilamento do regimen medievo e a constituição definitiva do regimen final.

Do princípio do livre exame que o protestantismo sistematizou, resultaram os dogmas democráticos da soberania popular e de igual capacidade de todos os homens para decidir das questões mais complicadas sem a mínima subordinação.

E' o grau supremo de egoismo erigido em princípio de organização social ! A revolução holandesa consagrou o primeiro à emancipação exterior ; e o movimento inglês destinou o segundo a uma reformação interna que foi malograda.

Quanto à elaboração positiva consiste, então, no estabelecimento do duplo movimento da terra, por Galileu, na coordenação da geometria celeste por Kepler e na fundação da mecânica planetária por Newton. E, ao mesmo tempo, o advento da física liga a astronomia ao resto da série hierárquica. A esse movimento científico junta-se a elaboração filosófica em que Bacon e Descartes anunciam o advento do positivismo ; o primeiro pela aspiração a determinar a série de leis comuns a todos os fenômenos — a filosofia primeira ; e o segundo sistematizando subjetivamente a geometria. Mas esses progressos acarretaram o aparecimento do espírito dispersivo e a elevação conseqüente das mediocridades acadêmicas.

A arte continua a sua evolução progressiva ; e, apesar dos obstáculos de uma situação profundamente anárquica, os nomes de Ariosto, Tasso, Cervantes, Camões, Calderon, Shakespeare, Milton, etc. bastam para revelar a que alturas elevou-se o gênio estético da Humanidade. O desenvolvimento industrial merece nessa época a solícita atenção das ditaduras temporais ; e apesar de visarem eles especialmente as vantagens militares, preparavam assim o próprio aniquilamento, concorrendo para afirmação da atividade pacífica. No entanto essa fase marca também a ruptura das duas classes industriais, — diretora e dirigida, — pela crescente aspiração do primeiro a se incorporar às castas decaídas do regimen anterior. O proletariado continuou, porém, na senda progressiva, manifestando de mais em mais a repugnância pela existência militar, cujos hábitos só a coação pode manter porque o soldo já não basta. A expansão colonial fez do comércio o principal objeto do desenvolvimento industrial ; e ao mesmo tempo determinava o aparecimento da escravidão, — essa monstruosidade social, emanada da infame opressão que a raça inteligente exerceu sobre a raça amante, abusando do poder que a Humanidade desenvolvera para comum felicidade de ambos, como diz Augusto Comte. E a sanção de semelhante aberração pelo sacerdócio católico revela a que ponto já descera uma doutrina incapaz de manter a aplicação de seus próprios princípios.

E' nessa fase que o islamismo entra também no período de sua decomposição, fazendo causa comum com os destinos do ocidente, e restabelecendo portanto a unidade que o antigo império romano esboçara. Essa solidariedade

é sobretudo pronunciada pelo concurso prestado pelos árabes na transmissão da ciência grega. Desde então o oriente aguarda o êxito da regeneração ocidental, prosseguindo numa assimilação incessante dos progressos que este vai realizando.

Do conjunto dessa evolução que acabamos de caracterizar rapidamente resultava a divisão do ocidente em dois grupos radicalmente incompatíveis e profundamente degradantes ; um, pelo regresso indefinido a que condenava a espécie humana ; outro, pela semi-putrefação que sistematizava. Tornava-se portanto imprescindível uma crise final, que, aniquilando completamente o regimen anterior, não permitisse ilusões a respeito da necessidade de uma regeneração social. Nestas condições propagou-se o negativismo completo do XVIII século graças ao concurso dos literatos, entre os quais devemos mencionar Voltaire, o demolidor especial da autoridade espiritual, e Rousseau, o aniquilador sistemático do poder temporal. Apesar porém do estrondo de semelhante operação, o século passado será sempre caracterizado filosoficamente pela grande escola de Diderot e Hume.

Ligada à evolução positiva dos séculos anteriores por Fontenelle e à vasta elaboração de nosso século por Condorcet — ela só, pode estabelecer as verdadeiras bases da futura regeneração. Ao mesmo tempo o advento da química punha termo ao domínio do regimen acadêmico ; e conclui os elementos indispensáveis à elaboração sintética que devia permitir a constituição definitiva do dogma positivo.

Industrialmente, a elevação dos banqueiros terminava a constituição do patriciado normal e o desenvolvimento das máquinas consolidava os elementos da atividade pacífica. Mas ao mesmo tempo a cegueira ambiciosa dos chefes industriais atirava-se vertiginosamente para o abismo que se abria aos pés das velhas classes dirigentes ; e tornava inevitável a temerosa crise que rebentou nos fins do século. Com a realeza, cairam os últimos restos da teocracia ; mas o ocidente continua a debater-se nas vascas de uma agonia atroz, lançando-se nos braços de todos os ambiciosos que hasteavam o estandarte da regeneração. A dispersão científica tornou-se de mais em mais pronunciada ; e a exploração imoral das massas populares pelo clero, veio juntar-se à especulação não menos repugnante, e com certeza mil vezes mais criminosa, das mediocridades acadêmicas. Tal é ainda hoje a situação do Ocidente ; mas atualmente, ao lado das velhas instituições, e no seio mesmo da tremenda dissolução universal, propaga-se a nova religião que deve assegurar a futura grandeza das populações regeneradas. Apoiado no conjunto das elaborações transatas o gênio portentoso de Augusto Comte alevantou a prodigiosa construção em cuja entrada a Humanidade esculpiu a divisa sagrada do positivismo :

O Amor por princípio,
e a Ordem por base ;
o Progresso por fim.

R. Teixeira Mendes (1927)
Apóstolo da Humanidade

PORTUGAL

Les considérations morales et sociales m'ont ensuite conduit à le faire déjà remonter audessus du couple septentrional, comme avant l'explosion protestante.

(Augusto Comte. Politique Positive — IV-485)

Entre os paralelos setentrionais de 36 e 44 graus se desenrola o cenário dos acontecimentos em cuja apreciação vamos entrar. Afastado de um grau leste de Paris corre-lhe a divisa mais próxima da Cidade eterna ; enquanto o marco ocidental descreve o meridiano de 12 graus avizinhando-se do eterno padrão das glórias de Colombo. Erguidos ao norte, os Pirineus formam-lhe um baluarte contra quem virá quebrar-se a onda reformista ; e o Atlântico, depois de contorná-lo ao norte, ao poente e ao sul, penetra o estreito e vai fechar do lado oriental o amoroso amplexo. Assim o Mediterrâneo abre-lhe fácil estrada às galeras civilizadoras do levante, e o Mar Tenebroso desafia-lhe a curiosidade audaciosa, povoando de mistérios as vastidões do poente.

Igualmente preservada das ardentias equatoriais e dos frios árticos, o seu clima benéfico proporciona a existência sem moleza e nem rigores. O solo trabalhado de montanhas, sobretudo para o Norte e o Ocidente, fende-se em ubérrimos vales ou desdobra-se em férteis planícies, sulcadas por numerosos rios em direções variadas.

Tal foi, Senhores, o berço da gloriosa raça a quem os destinos confiaram a guarda das conquistas civilizadoras do catolicismo medievo.

Não nos deteremos em indagar quais os seus aborígenes ; afastando por anti-científica as distinções biológicas das raças, assinalaremos o fato capital de ser a península habitada por tribos aguerridas no tempo em que os gregos vieram estabelecer nela as suas primeiras colônias.

Surgiram nessa época as relações com a república de Cartago, fundada na costa africana a pouca distância de Tunis ; e que por longo tempo disputou a Roma, com a incorporação ibérica, a glória de civilizar o ocidente.

A princípio foram amistosos os encontros das duas nações rivais, chegando mesmo a firmarem-se tratados de comércio entre ambas. Realizada, porém,

a conquista e a assimilação da Itália, Roma lançou as vistas para a Sicília, onde os cartagineses se haviam estabelecido. A cidade de Rômulo entrava na segunda fase de sua missão civilizadora, para cuja realização tornava-se imprescindível, o aniquilamento do único povo capaz de tolher-lhe os passos triunfais. Vota a destruição de Cartago ; bradara-lhe o destino implacável pela boca de Catão.

Foi pretesto para a luta, o socorro prestado pelos romanos aos Mamertinos que se haviam apoderado de Messina originando-se, assim, a primeira das guerras denominadas Púnicas. Terminou ela por um tratado de paz em virtude do qual os Cartagineses tiveram de abandonar as suas possessões na Sicília. Roma e Cartago não se desarmaram, porém; e a primeira tratou de estender o seu poder até a Córsega, enquanto a segunda, capitaneada por Amilcar e depois por Asdrúbal, submetia a seu poder a Espanha avançando até o Ebro. Nessas condições as colônias gregas da costa ocidental imploraram o auxílio dos romanos, que se aliaram com Segunto e impuseram aos cartagineses um tratado proibindo-lhes a passagem do rio. Asdrúbal fundou então Cartagena. Pouco depois foi assassinado e o comando passou às mãos de Aníbal que, fiel ao juramento dado a seu pai, rompeu com os Romanos, passou o Ebro e à frente de um exército de espanhóis transpõe os Pirineus, galga os Alpes e penetra na Itália, sempre vitorioso. Roma teve de cuidar da defesa ; mas antes de haver Aníbal ganho as primeiras vitórias na Itália, já ele penetrara na Espanha, e depois de algumas alternativas de revezes e triunfos assenhoreou-se de Cartagena. A Publio Cipião cabem as glórias desse triunfo, tanto mais notável pela clemência de que então deu provas e que lhe grangeou a adesão de alguns chefes indígenas. Voltou-se então para os generais cartagineses que derrotou sucessivamente, reduzindo-os a galés ; e mais tarde a vitória de Zama, ganha pelo generoso Cipião, assegurou a conquista da Espanha das pretensões cartaginesas.

No entanto a incorporação não foi imediata. Terminada a segunda guerra Púnica, os espanhóis revoltaram-se, sendo submetidos depois de uma resistência de vinte anos, por outro Cipião que foi o destruidor de Cartago. Foi por esse tempo que teve lugar a resistência heróica dos lusitanos comandados por Viriato. Só ficaram então por vencer alguns povos abrigados nas montanhas do norte.

Mais tarde as dissensões de Sila e Mario acenderam uma nova insurreição dos espanhóis capitaneados por Sertório que depois da morte do chefe plebeu conseguiu conquistar todo o país. Como observa o Sr. Laffitte, Sertório tentou então fazer da Espanha base da revolução que César mais tarde realizaria com o auxílio das Gálias. Resistiu por oito anos ; um oficial assassinou-o e a península foi pacificada por Pompeu. Uma nova revolta dos lusitanos foi abafada por César que, depois da vitória de Farsália, teve novamente de bater na Espanha os restos do exército do aristocrata. No entanto os Vasconços continuaram a resistir até que os subjugou Augusto, o sucessor de César.

Desde então, a Espanha conservou-se fiel à sorte de Roma ; estava incorporada, vejamos como foi assimilada.

Quando começaram os contatos da península com a civilização romana, era ela habitada por tribus aguerridas a que se tinham ainda misturado gregos e cartaginezes. Por mais insignificante que seja a influência de muitos desses elementos, é incontestável que todos eles entraram na constituição da raça hispânica. A ação de Roma sobre os povos que encontrou não foi aniquilada ; e o que acima dissemos explica a perfeita assimilação que então se realizou. Com efeito, esse povo de heróis, que tantas vezes derrotou os generais da grande república, possuia já em alto grau as qualidades que são inerentes ao regimen militar. Entre os vencidos e os vencedores a diferença era enorme sem dúvida ; mas a superioridade destes consistia unicamente num grau mais considerável das mesmas virtudes que o outro possuia. Desde então compreende-se facilmente a assimilação profunda e rapida dos peninsulares concebendo a influência romana como tendo determinado uma aceleração na evolução espanhola capaz de elevar os vencidos ao nível dos vencedores.

Examinando mais particularmente essa influência se é levado a assinar-lhe por origem a segunda guerra Púnica, quando por um lado os espanhóis penetraram na Itália guiados por Aníbal e por outro lado os romanos invadiram a Espanha sob o comando de Publio Cipião. Depois da conquista, a política sábia dos imperadores terminou a obra gloriosa da república de tal sorte que, ao apreciar os resultados da incorporação romana, o atual diretor * do positivismo pôde escrever :

"Os espanhóis foram sem comparação os que se tornaram mais depressa e mais completamente romanos. Foram o primeiro povo que Roma subjugou depois da Itália ; e já no tempo de Sertório enviavam seus filhos às escolas romanas, esforçando-se por copiar os vencedores no trajar, nos usos e na língua. Nos meados do primeiro século, os espanhóis apontam por toda parte e parecem querer substituir as velhas raças romanas e italianas esgotadas."

O filósofo e o poeta da época são homens saídos de Córdova : Sêneca e Lucano. Em torno deles se agrupa uma multidão de literatos e sábios do mesmo país : os dois irmão de Sêneca (Junius Gallion e Marcus Annœus Mela) Sextus Aurelius Vitor, Moderato Columela, Turanio Graçálio e o geógrafo Pompônio Mela, e mais tarde Quintilianus, Marcial e Lucius Annœus Julius Florus. Logo após os cidadãos originários de Tarracona e do Rético se não contentam com brilhar nas artes secundárias ; exercitam-se igualmente na arte que consiste em governar. Então aos imperadores romanos da família de César, e aos imperadores italianos da família Flavia, vemos suceder uma série de imperadores, cujo sotaque espanhol presta-se ao ridículo, quando se exprimem perante o Senado, mas cujo gênio e bondade são a um tempo a

---

* Pierre Laffitte. A partir de 1884, o Apostolado Positivista do Brasil deixou de reconhece-lo como chefe internacional.

honra e as delícias do gênero humano. O primeiro, tão grande administrador como capitão, merece que, depois de sua morte, se deseje a cada novo imperador que seja mais feliz do que Augusto e **melhor do que Trajano.** O segundo, Adriano, emprega quinze anos de seu reinado a percorrer seus estados; cobre o país de estradas, canais, aquedutos, templos, escolas, circos ; fortifica as cidades, destribui a justiça, reforma e unifica a legislação, inicia-se em religiões e costumes. O terceiro, amigo do repouso, proporciona ao mundo vinte três anos dos mais pacíficos e afortunados que tem tido e recebe os títulos de pai dos homens e multiplicador dos cidadãos. Com Marco-Aurélio, enfim, é a filosofia quem sobe ao trono.

A Espanha estava pois completamente romanizada quando se realizou a grande invasão em começos do V século. Os eslavos, vândalos e suevos precipitaram-se então sobre a península ibérica e deram-lhe a sorte que reservaram os outros bárbaros para as demais províncias do império. A esta primeira invasão seguiu-se poucos anos depois o estabelecimento dos visigodos cujo império estendeu-se até princípios do VIII ; e pode-se dizer que durante esse período de pouco menos de trezentos anos a obra da Espanha foi a romanização dos bárbaros vencedores, e a sua conversão ao catolicismo. Os fins do VI século assinalam essa dupla vitória da civilização, pela conversão de Ricaredo. Desde então o resto foi obra do clero que, nos reinados de Chindasvinto e Recesvinto, unifica a legislação e permite os casamentos entre as duas populações no 7º e 8.º concílios de Toledo. Ao fechar o VII século era completa a assimilação romano-católica.

Assim constituída, a Espanha emprega, então, os séculos seguintes até os fins do XV século na luta contra os árabes que invadiram a península em princípio do VIII século. Mas o domínio musulmano pode considerar-se como vencido na Espanha desde os fins do século XIII em que estão constituídos definitivamente os reinos de Leão e Castela, Aragão e Portugal. Seja dito desde já que o regimen feudal, a formação de pequenos estados independentes, é por tal forma uma conseqüência da guerra defensiva que enquanto durou a luta com os árabes a península esteve dividida, coincidindo a completa unificação da monarquia espanhola com a expulsão total dos musulmanos. Portugal não conseguiu nunca ser incorporado, por existir nos seus filhos a consciência de um concurso que não foi partilhado pelo resto dos peninsulares, não só na conquista de Alentejo e Algarve como nas expedições da África e América. Ora essa cooperação efetiva é que forma as pátrias naturais.

O domínio árabe não pode figurar como uma verdadeira conquista. Em primeiro lugar desde essa fatal jornada de "Chrisus" até a queda de Granada não houve um instante em que a península toda tivesse reconhecido o domínio do invasor.

Se grande parte da população hispânica submeteu-se ao jugo sarraceno, um bando de guerreiros fiéis à pátria acolheu-se nas montanhas das Astúrias e, comandado por Pelaio, alevantou o único símbolo que restava da nacionalidade — a cruz. Por outro lado o povo que se deixou ficar sob o jugo árabe

aceitou do vencedor, com o correr dos anos, os usos e a língua : no mais, guardou as instituições e a religião da monarquia visigótica.

O fato da completa expulsão só realizar-se em fins do XV século proporcionou na Espanha mais duzentos anos de vida ao regimen católico-feudal ; portanto o período de decomposição espontânea que se realizou durante esse lapso, não pôde enfraquecer o domínio espiritual do catolicismo. Pode-se afirmar que a Espanha, a que mais se romanizou das partes do Imperio, foi também a que mais profundamente assimilou o catolicismo.

Não entra nos estreitos limites desta conferência apreciar a formação dos estados espanhóis, desde a heróica resistência de Pelaio. Basta a nosso fim lembrar que foi ela o berço do reino Asturiano bem cedo dividido nos de Leão e Navarra.

No primeiro destes reinava Afonso VI pelos fins do século XI ; a este reinado se entronca a fundação da monarquia portuguesa.

Duas causas facilitaram aos espanhóis a expulsão do domínio árabe : uma, foi a permanência da população moçárabe, a outra, o concurso prestado pelo resto do Ocidente nas levas de cruzados que passaram a península no intuito de bater os infiéis.

Numa dessas expedições, vieram à Espanha dois príncipes da casa de Borgonha, Raimundo e Henrique. Ao primeiro deu Afonso VI a mão de sua filha legítima e ao segundo coube D. Tereza, filha natural do mesmo soberano, recebendo este em **dote** o condado de Portocale, incravado nas terras que foram confiadas ao marido da irmã, a princípio, mas logo depois erigido em condado independente, que se estendeu do Minho ao Tejo. São ignoradas as razões que levaram Afonso VI, a esta resolução ; mas o que acima dissemos sôbre a transformação conseqüente dos grandes estados em pequenos, sempre que as necessidades de defesa avultam, determinam a pensar que foram elas o verdadeiro motivo de tal proceder.

Começa aqui a constituição dos elementos que deviam fundar a monarquia portuguesa. Vamos assistir a formação de uma nova nacionalidade, mas de modo algum a constituição de uma raça nova. Com efeito já fizemos sentir qual o ponto de vista sob o qual devemos considerar as raças, — como produto da evolução social, e não como elementos biológicos distintos. Isto significa que as situações respectivas levaram certos povos ao desenvolvimento destas ou daquelas funções cerebrais, desenvolvimento que a hereditariedade fixou. Ora, o Ocidente decompõe-se naturalmente em duas vastas porções : uma que foi incorporada pelos romanos e constituem a Itália, a Espanha e a França, — na ordem cronológica da assimilação, e são os povos hoje denominados de **raça latina** ; e a outra formada pelo conjunto dos demais estados do poente Europeu, que só entraram na civilização ocidental pela ação do regimen católico-feudal. Desde então a **raça latina** compreende na realidade os povos que realizaram plenamente as três evoluções parciais, imprescindíveis à transição da teocracia inicial para a sociocracia final. Pois que a obra da civilização romana tendo consistido no desenvolvimento social da atividade pela subor-

dinação da inteligência, assegurou a esses povos as vantagens da evolução intelectual grega e da evolução social que lhe era própria. Para que ficassem satisfeitas as condições necessárias ao estado normal, restava realizar a subordinação da atividade ao sentimento : — foi esta a obra da evolução medieva.

Isto que acabamos de lembrar, evidencia quão precária devia ser a influência do regimen católico-feudal em povos não preparados à cultura afetiva pelas duas evoluções anteriores ; e explica melhor o ascendente incompleto de uma revolução caracterizada pela revolta da inteligência contra o sentimento.

Entre os povos que constituem a **raça latina**, existem pequenas diferenças e destas a mais notável é a que resulta da situação especial da França. Colocada entre os povos que mais cabalmente foram assimilados à Roma e àqueles que só o regimen católico-feudal incorporou ao Ocidente, ela viu-se preservada da resistência a todo transe que aqueles ofereceram à decomposição protestante e ao mesmo tempo da degradação que resultaria da plena aceitação de semelhante princípio. Isto colocou-a em posição de passar do catolicismo à plena emancipação e portanto de determinar a revolução ocidental, pela constituição definitiva da religião demonstrada. Os dois elementos meridionais — Itália e Espanha, — não só pelos seus antecedentes como pela situação geográfica, ficaram preservados de toda a decomposição sistemática, e como tal, aptos a passar do sistema provisório que instituiu o catolicismo, para a síntese final realizada pelo positivismo. Com efeito, em ambos os casos mantem-se a subordinação da inteligência e da atividade ao sentimento, com esta diferença capital No catolicismo tudo se coordena em torno do egoismo : — **é o sentimento** da salvação eterna que deve dirigir o fiel ; no positivismo, tudo se coordena em torno do altruismo : — é o amor universal que determina a nossa conduta.

A constituição da monarquia portuguesa não alterou nenhuma dessas qualidades essenciais que constituem o segundo elemento meridional da **raça latina** tal qual a definimos. Formou-se uma nacionalidade porque nessa fração da raça houve o sentimento de uma cooperação que lhe foi própria, para a conquista do Alentejo e Algarve e depois para o caminho das Índias e descobrimento de uma parte da América. Eis tudo.

Mas nesse grupo meridional a Espanha destaca-se pelas qualidades de caráter e sentimento Como diz Augusto Comte : nenhum outro elemento ocidental apresenta em tão alto grau a digna apreciação, doméstica e cívica, do meio afetivo, uma fraternidade sempre conciliada com a subordinação e a incorporação dos fámulos às diversas famílias. Em um trecho anterior apregoa o mesmo pensador o povo da Espanha como o mais **enérgico** e **perseverante.**

Foi essa fração da raça latina que veio estabelecer-se no trato da terra que atualmente constitui o Brasil. Aqui encontrou uma população no estado mais ingênuo do fetichismo primitivo ; e, pouco depois, a mais revoltante das monstruosidades sociais juntou-lhe uma nova leva de população também em pleno estado fetichista. São decorridos pouco mais de três séculos depois

que se deu a ocupação portuguesa, e as qualidades que constituem a raça hispânica conservam-se inalteradas. Não é isto o que afirma uma parte dos revolucionários brasileiros — e sob esta acepção incluimos a quase totalidade dos partidos monárquicos. Para este grupo, o clima, o selvagem e o africano teriam já radicalmente transformado a raça portuguesa e originado um novo elemento étnico — o brasileiro. E a justa apreciação desta solenidade exige, Senhores, a refutação de semelhantes sofismas.

Para mostrar-vos a insignificância da ação climatérica, no estado de civilização a que chegamos, bastará citar-vos um fato capital. Ao passo que os povos do norte, entregues aos mesmos desvios morais que os brasileiros, legitimam o divórcio, — nós os habitantes dos climas tropicais, não só mantemos a monogamia católica-feudal, mas nem siquer manifestamos aspirações a semelhante inovação. Para demonstrá-lo, basta lembrar os projetos de casamento civil que entre nós mantiveram sempre a indissolubilidade do laço.

Se o clima não alterou-nos o estado moral, ainda menos modificou as qualidades intelectuais e de caráter. Para revelar as primeiras é suficiente considerar as nossas corporações práticas — médicos e engenheiros — por um lado, e por outro a nossa vida literária. E por último aí está a guerra dos cinco anos para evidenciar se o sol da América do Sul pode quebrar a energia e a perseverança do povo que dobrou o cabo das Tormentas.

Quanto à ação do selvagem e do africano eu vos pergunto : será o elemento que ainda vive no estado mais rudimentar da família, longe ainda siquer da poligamia, será o povo nestas condições que reage sobre o nosso regimen moral e concorre para manter a monogamia ? Será o povo ainda nos primeiros graus de abstração rudimentar que nos fornece, a nós, as elevadas faculdades abstratas, com que só a evolução ocidental pôde dotar a espécie humana ?

Será o povo que vive nômade pela floresta que nos dá a consciência da solidariedade planetária ? Será a mísera população sacrificada pela desgraçada cobiça que nodoa indelevelmente o ocidente, que nos dá os sentimentos de honra e dignidade humana ? Qual é pois a qualidade afetiva, intelectual ou prática que o selvagem ou o africano nos transmitiram ? Será impossível apontá-la.

E ai de nós que assim não fosse ! Porque a influência de uma raça — e empregamos a palavra no sentido sociológico — inferior longe de elevar-nos teria reduzido os portugueses da América a uma situação inferior àqueles que se deixaram ficar no continente europeu.

E' portanto a história de nossa raça que até aqui vos temos recordado ; e é especialmente na apreciação do ramo que diretamente nos filia ao ocidente que vamos entrar atualmente.

Tinhamos visto que as necessidades de defesa, — segundo todas as probabilidades, — determinaram a constituição independente do Condado de Portugal em favor de Henrique de Borgonha. Foi isto nos fins do século XI, e a história portuguesa até os nossos dias, — a nossa história — divide-se naturalmente em dois períodos principais. O primeiro abrange os séculos XII até

fins de XIII ; durante ele formam-se os elementos da nacionalidade portuguesa pela conquista do Alentejo e Algarve com os esforços dos povos que constituiram o Condado de Portucale, ajudados dos cruzados estrangeiros e pertence propriamente aos tempos medievos. O segundo período vai do XIII aos nossos dias e forma a época moderna.

Neste lápso de seis séculos distinguiremos também duas épocas. Uma comum ao ocidente e abrange os XIV e XV séculos, é o período da decomposição espontânea do regimen católico-feudal, e da formação dos primeiros elementos da atividade pacífica.

Durante ele a Espanha está na vanguarda da civilização e Portugal afirma a sua autonomia pátria por um novo prodígio de ação. A outra época compreende o papel próprio da Espanha durante a decomposição sistemática protestante primeiro e depois disto o advento da síntese positiva. Este período de quatro séculos, divide-se também naturalmente em duas fases conforme predomina a resistência à invasão da metafísica, sistemática ; ou cooparticipação na grande crise que raiou há 92 anos.

Estas divisões são essenciais à apreciação política da raça hispânica, porque as necessidades sociais de cada época são os únicos elementos de juízo desapaixonado. Percorramos esses quatro períodos da nossa história, e havemos de reconhecer que no passado e até o presente, só encontramos, em geral, motivos de veneração por nossos pais, que tão sabiamente dirigiram os destinos que a civilização ocidental lhes confiara. Estudemos essas épocas que já foram, e elas nos apontarão o caminho a trilhar atualmente, depois de esclarecer-nos sobre os motivos que determinaram uma alta de três séculos e que só as qualidades simpáticas, sinérgicas e sintéticas de nossa raça permitiram realizar. Então havemos de convencer-nos que semelhante parada, longe de demonstrar a nossa inferioridade, constitui a prova mais cabal das aptidões que nos aproximam da plena regeneração. E neste ponto, Senhores, eu devo confessar-vos com lealdade que uma incompleta emancipação dos preconceitos revolucionários impediram-me a cabal justiça que hoje solenemente presto a nossos antepassados. Não só fui assim levado a desconhecer o imenso alcance social da permanência do catolicismo ; mas ainda a apreciar erroneamente a maioria dos ditadores empíricos que dirigiram os destinos do povo português, no velho e novo continente.

O primeiro dos períodos a que nos referimos compreende o governo do Conde D. Henrique e de sua mulher D. Tereza, e os reinados de Afonso Henriques, Sancho I, Afonso II, Sancho II, Afonso III e princípios do reinado de D. Diniz. A apreciação dessa parte da História portuguesa, bem como de todo período até D. Sebastião, constitui, a nosso ver, uma das maiores glórias de Luís de Camões. Pois que apesar das retificações introduzidas por modernos historiadores, pensamos poder assegurar que a posteridade manterá os juízos do insígne épico, como ides ver no que respeita o período que ora examinamos.

Quais eram as exigências sociais ? — eis a questão que deve dominar a nossa apreciação. Basta lançar os olhos para a costa da península para reco-

nhecer que os destinos da Humanidade impunham a expulsão do domínio árabe. Nessa época pouco importava à evolução que a Espanha fosse confiada posteriormente à ditadura de um único chefe ou de dois; o essencial era assegurar a independência da república ocidental. Portanto quase todas as lutas intestinas dos cristãos na Espanha merecem então a reprovação dos pensadores emancipados dos preconceitos patrióticos e étnicos. Os historiadores, em geral, confundidos os dois primeiros períodos que saparamos, não distinguem os motivos diversos da existência autonômica de Portugal em cada um deles. Ora nada é mais claro; pois que nos XII e XIII séculos são as necessidades da defesa que fracionam a península, ao passo que nos séculos seguintes é o sentimento de cooperação que mantém a independência como por vezes temos insistido. Na primeira época Portugal é um elemento feudal, na segunda é uma nacionalidade moderna.

Esta distincão é essencial: porque, apesar de ter o título de reis, a permanência da separação do poder espiritual do temporal reduz os soberanos a simples chefes militares, e até suzeranos do papado. A monarquia — a ditadura temporal, caracterizada pela confusão dos dois poderes, só começa a se constituir no segundo período com Pedro, o justiceiro.

Ora todos os chefes acima mencionados corresponderam aos destinos que a civilização lhes traçava, caminhando sem intermitência consideráveis para o sul. Basta notar que antes do fim da primeira metade do século XIII já os portugueses haviam se apossado de todo o território que fica ao ocidente do ramo meridional do Guadiana. Ao passo que a porção peninsular ao sul do ramo ocidental do mesmo rio estava ainda em poder dos árabes, devido sem dúvida às lutas intestinas da outra porção da Espanha.

Afonso Henriques constitui incontestavelmente o mais completo desses tipos; e a viúva do Conde Borgonhês a única que merece o estígma da posteridade, sancionando o juízo de Camões contra os eruditos atuais. O período do seu governo oferece à contemplação do observador imparcial um quadro negro de deslealdades e desregramentos sensuais. Durante ele, apesar da astúcia que lhe atribuem os eruditos, Portugal só deveu a sua autonomia às necessidades da defesa e ela o seu domínio à generosidade dos chefes leoneses.

Foi uma época de lutas intestinas de cristãos, sem que a conquista sobre os árabes avançasse um passo. De passagem faremos uma observação: a inferioridade moral deste monstro, que mulher não foi, já devia revelar a impossibilidade dos dotes intelectuais que a erudição lhe supõe. Camões tinha portanto plena razão quando assim a caracterizava, revelando ao mesmo tempo conhecimento d'alma humana superior ao de muitos dos sábios atuais.!

> * **E não ve a soberba o muito que erra**
> **Contra Deus, contra o maternal amor;**
> **Mas nela o sensual era maior.**

* Canto Terceiro — Estrofes 31 e 32.

O'Progne crua! ó mágica Medeia!
Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Teresa peca mais.
Incontinência má, cubiça feia,
São as causas deste erro principais:
Cila, por uma, mata o velho pai,
Esta, por ambas, contra o filho vai.

A incontinência de D. Tereza ateou a luta civil no próprio condado portucalense, resultando do combate, que se pelejou perto de Guimarães, a ascenção de Afonso Henriques. E' dessa época a lenda da dedicação de Egas Muniz, referida nos Lusíadas e que nos privamos do prazer de reproduzir aqui.

A não ser alguma rivalidade com os cristãos da península, o seu governo corresponde às exigências da situação. Abre-lhe o reinado a vitória de Ourique; e todo ele constitui uma série de conquistas entre as quais avultam pelos resultados políticos as de Santarem e Lisboa. Foi esta última realizada com o auxílio dos cruzados que demandavam a Terra Santa, e sem intervenção do resto da península.

Tais fatos preparavam a constituição da futura nacionalidade, pelo sentimento de exclusivo concurso que iam desenvolvendo. Afonso Henriques reconheceu-se suzerano da Santa Sé, e conseguiu obter o título de rei pelos fins do século XII.

A idealização deste reinado é uma das passagens mais felizes do poema de Camões. Não há fato importante que o poeta tivesse de calar, como havemos de notar nos reinados seguintes; e até o desastre de Badajoz oferece-lhe ensejo para por em relevo os elevados princípios morais que presidem a constituição da família. Apresentando-o como castigo divino pelos tratos que dera à mãe, depois da vitória de Guimarães.

Tanta veneração aos pais se deve!

Sancho I, que lhe sucedeu, continuou a expulsão árabe e realizou mesmo temporariamente a conquista do (Algarve), com auxílio dos cruzados, que depois perdeu, acabrunhado por imenso poder sarraceno. As excomunhões do papado autorizaram-lhe também conquistas na Galícia.

Conquanto o seu reinado fosse ainda notável pelo zelo que desenvolveu na povoação do país, todavia as suas conquistas sobre os mouros constituem, a nosso ver, o seu maior título de glória, pois que preparou a restauração definitiva. Camões nos parece, portanto, ter obedecido aos preceitos da verdadeira glorificação humana, narrando-nos essa parte do seu reinado. Seria injustiça increpar-lhe uma perda que não estava em suas posses impedir.

Nos fins deste seu governo manifestam-se os sintomas de decomposição do regimen católico-feudal, na luta estabelecida com o clero. E para convencer-nos da força que tinha a Santa Sé, basta recordar que Celestino III anulara o casamento de uma filha do rei com Affonso IX de Leão e que a sentença foi cumprida. A luta com o clero deu em resultado a excomunhão e a penitência de Sanho I.

Toda outra parte do reinado não podia penetrar nos Lusíadas, sem falhar os destinos do poema. Sancho faleceu em princípios do XIII século, e no reinado de Affonso II que lhe sucedeu conseguia Portugal retomar Alcacer do Sal com o auxílio dos cruzados, e sem intervenção do rei. Começa então a manifestar-se a tendência do poder central a limitar as pretenções da nobreza e renovarem-se pelos seus últimos anos as lutas com o sacerdócio. Não passam porém de sintomas da próxima decadência do poder espiritual, porque os soberanos terminam sempre por ceder às ameaças de excomunhão.

Camões o caracteriza em uma única estrofe que reproduzimos :

Mas, entre tantas palmas salteado *
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso e Rei terceiro
No tempo deste, aos Mouros foi tomado
Alcácere do Sal, por derradeiro,
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruídos o pagaram.

O destino de Sancho II revela-nos a força de que dispunham ainda os papas na primeira metade do século XIII. Quiz ele levar mais avante as pretenções paternas na luta com o clero e a conseqüência foi a excomunhão da qual resultou a perda da coroa que passou ao terceiro Afonso, conhecido na história pelo Bolonhês. O grande épico caracteriza exatamente este reinado na parte que não tem referência com a evolução dissolvente, impossivel de figurar no poema, como acima notamos.

Afonso III aceitara a coroa de seu irmão comprometendo-se **a não resolver a cerca de nenhum negócio público sem ter ouvido os prelados do reino.** Isto passava-se nos meados do XIII século. Logo no começo do reinado aplicou-se em realizar a conquista do Algarve que se incorporou definitivamente à monarquia na segunda metade do século com o consentimento do chefe leonês. Os anos de seu governo foram, como os dos antecessores perturbados pelas lutas com o clero e a nobreza ; mas a influência destes ainda é preponderante

* Canto Terceiro — Estrofe 90.

como se vê na convocação forçada das cortes de Coimbra que restringiram o poder real no cunho das moedas, além de outras imposições. No entanto, a resistência do poder real é muito mais enérgica do que em reinados anteriores e até as proximidades da morte, Afonso arrosta com a excomunhão do sumo pontífice. Morre porém confirmando todas as pretenções do poder espiritual.

Camões, como sempre, só nos traça a feição do reinado em que se não revela a decadência do catolicismo: as exigências do poema impunham semelhantes restrições por motivos que adiante mostraremos.

O reinado de D. Diniz invade já o XIV século e forma a transição do primeiro para o segundo período. Cumpre, portanto, lembrar previamente a marcha política que as circunstâncias determinavam. O ocidente europeu entrava no período de decomposição espontânea constituida pela concentração dos poderes políticos nas mãos de um soberano ou de uma aristocracia; e a subordinação do poder espiritual a essa ditadura temporal. O XIV século assistiu a formação das igrejas nacionais, e o desenvolvimento dos universitários e legistas, que proporcionarão a plena constituição da ditadura no século seguinte. Paralelamente a este movimento de dissolução do regimen medievo formar-se-ão os primeiros elementos do regimen industrial. Estes dados assinam o papel dos chefes militares; e veremos que ainda nessa época os soberanos portugueses estiveram geralmente na altura da situação. Este segundo período vai até o reinado de D. Manoel.

O governo de D. Diniz foi consagrado a preparar os elementos que deviam assegurar a vitória do poder temporal. E' desse tempo a criação da Universidade de Coimbra; e no seu reinado firmam-se as regalias da igreja portuguesa, resolvendo-se entre o clero e o soberano as pendências que se deram por fim e sem a mínima intervenção da Corte de Roma.

O desenvolvimento intelectual do país é notável; e o próprio rei constitui o melhor poeta da Espanha no tempo em que viveu Camões. Afonso IV seu filho e sucessor amargurou-lhe os últimos dias; mas subindo ao trono resgatou não só isto como muitas faltas que depois cometeu. No seu reinado, Portugal já constituído pôde prestar auxílio a Castela para repelir a dominação árabe, accedendo o rei às instâncias de sua filha. Continuou a invasão das atribuições eclesiásticas; basta citar o fato de haver ele por si só definido a condição dos judeus para evidenciar quão longe já ia a absorção do poder temporal.

A idealização do seu reinado por Camões, consiste na descrição do concurso prestado para repulsa dos mussulmanos, e narração do triste caso de D. Ignez; — dois magníficos episódios da grandiosa epopéia — Camões, sem absolver o rei pela morte da infeliz dama, fez a devida justiça ao mérito de Afonso IV. Para título de glória bastar-lhe-ia a rígida moralidade de que deu provas e as leis que neste sentido promulgou. E' incontestável que o trabalho de concentração temporal passara já muito avançado para as mãos de D. Pedro, que começou a reinar na segunda metade do XIV século.

O tipo do Justiceiro constitui um dos mais belos da história portuguesa.

Melhor do que o poderiamos fazer, descreveu-o Camões nessa única estrofe :

* **Este, castigador foi rigoroso**
De latrocínios, mortes e adultérios ;
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios ;
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando, à morte deu,
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.

No seu reinado consumou-se a subordinação do clero ao poder civil : ele estabeleceu terminantemente o beneplácito e equiparou as obrigações de clérigos aos leigos.

Essa figura torna-se ainda mais simpática pelo ato da sagração póstuma de D. Ignez de Castro, e a reabilitação de sua memória e declarando perante testemunhas da mais alta hierarquia eclesiástica que a havia recebido por legitima esposa clandestinamente. Este fato não caracteriza só o monarca justo e duro : traduz, incontestavelmente, o elevado gênio afetivo de nossa raça.

O reinado de D. Fernando, tão justamente estigmatizado pelo poeta, constitui uma página negra na história do reino português. Foi uma época de lutas entre os cristãos e depois de perenes escândalos morais, seguindo-se à sua morte um período de crise, em que perigou a nacionalidade portuguesa. Com ele findou-se a primeira dinastia.

A segunda começa com D. João I a quem coube a missão de iniciar a definitiva subordinação dos poderes da nobreza, limitando a sucessão ao filho primogênito e legítimos. A ascendência dos juristas nessa época é caracterizada pelo imenso papel que coube a João das Regras dada a elevação do novo monarca, arrastando com a sua palavra as cortes de Coimbra a proclamar o Mestre de Aviz. Não foi sem lutas que se realizou semelhante fato ; e o concurso popular e o braço do condestável D. Nuno precederam a argúcia do chanceler. As cenas que se deram desde a morte de D. Fernando até a elevação de D. João I mostram a que ponto já havia o clero perdido o seu antigo prestígio : — o povo revoltado precipita um bispo de uma torre e arrasta-o pelas ruas de Lisboa.

Uma vez elevado ao trono e havendo-se ** .....
.....
.....
a nosso ver constitui um golpe desfechado no poder da nobreza. A resistência

---

* Canao Terceiro — Estrofe 137.

** Foi perdida a folha n.º 49 do manuscrito — Portugal. — Para recordar os acontecimentos que deveriam estar escritos pelo Apóstolo, na folha perdida e encadear a narração, foi feito o seguinte resumo : "Continuou D. João I a luta contra os castelhanos, não de todo vencidos. A 4 de agosto de 1385, na charneca de Aljubarrota, o Condestavel obteve grande

de D. Pedro — fato comum na época, não lhe pode ser imputado criminosamente; a crítica histórica impõe que, apreciando o alto valor político da batalha de Alfarrobeira, respeitemos e glorifiquemos esse ínclito varão.

Afonso V prosseguiu as conquistas na costa oposta que lhe grangearam o título de Africano e durante seu reinado continuaram as expedições promovidas por D. Henrique, sendo que por sua morte os portugueses haviam penetrado dois graus além do equador.

Os três reinados da dinastia de Aviz que acabamos de percorrer são cheios pela figura grave e simpática do Infante que tomara para si a divisa que bem podia aplicar à gloriosa nação — Talent de bien faire. Por uma sucessão sociologicamente prevista, os portugueses, esgotadas as mais urgentes necessidades militares, deram aos dotes intelectuais e morais, que a luta desenvolvera, um destino progressista. O Infante D. Henrique fundou a escola de Sagres na qual o cultivo das ciências geográficas preparou os futuros conquistadores do mar Tenebroso.

Sucedeu a Afonso V, D. João II que prosseguiu na consolidação da ditadura monárquica não só desprezando a convocação das cortes, apesar da decisão de uma delas no reinado anterior, mais ainda, limitando as atribuições judiciárias da nobreza. Quanto à evolução positiva, o seu reinado é notável por assegurar aos portugueses a descoberta do caminho para as Índias, mandando o rei, para este fim, duas expedições, uma por terra e outra por mar. A primeira delas é narrada nos Luziadas e constitui mesmo a idealização do atual reinado. A segunda fora confiada a Bartolomeu Dias, que conseguiu dobrar o cabo das Tormentas, só apercebendo-se quando regressava coagido pela tripulação. Foi esta expedição a última do reinado de D. João II; devendo-se atribuir às contrariedades domésticas e públicas, que afligiram os seus últimos anos, o retardamente da expedição de Vasco da Gama.

Por morte dele subiu ao trono D. Mancel, o afortunado, e o seu primeiro cuidado foi a realização dos projetos marítimos de seus antecessores. Esta expedição decisiva forma o centro da ação da epopéia do insígne vate português; e o reinado em que se realizou marca o término necessário que a

---

vitória. Consolidada a independência nacional, D. João I voltou-se contra outro inimigo, os mouros. Atacou-os na África, conquistando-lhes a praça de Ceuta, em 1415. Desta conquista resultaram os Grandes Descobrimentos.

Seu sucessor foi seu filho D. Duarte, que reinou apenas cinco anos, falecendo de peste em 1438, tendo o trono passado para D. Afonso V. criança de seis anos, seu filho, e neto do fundador da dinastia.

Pelo testamento real a regência caberia à rainha Da. Leonor, mas o povo preferiu entregar o cargo ao Infante D. Pedro, irmão de D. João I. Depois de muita luta se firmou o Infante na regência durante oito anos, quando, então, com quatorze anos foi aclamado rei D. Afonso V.

Pouco após sua ascenção o jovem soberano promulgava as Ordenações Afonsinas, que tornaram o rei senhor do reino, subordinando a nobreza ao poder real.

Intrigas da nobreza descontente levantaram o rei contra seu tio e conselheiro, o antigo regente D. Pedro. Este aceitou a luta.

Enciclopédia Delta Larousse — 2.º volume página 845.

evolução assegurava a Portugal na senda progressiva, pela descoberta do Brasil em princípio do XVI século.

D. Manoel prosseguiu na subordinação do poder espiritual, conseguindo obter para a coroa quase todas as rendas do clero, e isto com assentimento de Leão X. Os fins de seu reinado foram perturbados pelos distúrbios religiosos, a que o rei procurou por termo castigando os culpados, incluso membros do sacerdócio. Mas essas lutas sanguinárias bem revelam que o sentimento religioso das populações assegurou na Espanha a permanência da civilização medieva através da revolução sistemática que ia começar.

Surgiu o momento em que o destino da Humanidade ia dividir-se entre os três elementos que constituem o ocidente europeu. Ao elemento setentrional caberia a elaboração da fase protestante, enquanto ao grupo meridional competia conservar inalterável as conquistas da civilização medieva. Colocada entre os dois, a França partilharia de ambos os impulsos até que chegasse o momento de lançar-se na plena emancipação como acima caracterizamos. Neste terceiro período da evolução portuguesa toda a habilidade política consistiria em manter a religião católica no seio do país sem perturbar de modo algum a marcha da evolução em estados ganhos pelo movimento dissolvente. Situação dificílima, e que, exigindo os mais elevados dotes políticos, deve tornar-se mais indulgente na análise de semelhante período. O que é porém incontestável é que a manutenção do catolicismo não exigia os excessos a que se entregaram os governos peninsulares em mais de uma ocasião.

Seja como for, desde que a permanência do catolicismo era uma necessidade, e até uma vantagem, os meios de que lançaram mãos os governos nesse intuito, perdem muito de sua odiosidade atentos às dificuldades do problema. Não nos esqueçamos que todo esse período foi de lutas sanguinárias, consistindo a diferença única nos motivos pelos quais o sangue era derramado, e haveremos de reconhecer que mesmo por esse lado a sorte da Espanha não foi inferior ao resto do Ocidente.

Terminada porém que foi esta crise, os estados meridionais do continente europeu e as suas ramificações entravam em uma fase francamente progressista. A liberdade de pensamento atingiu neles a um grau que é desconhecido nos países protestantes, estacionados em um deismo desmoralizado, sem que no entanto se tenham perdido os grandes resultados sociais do regimen católico-feudal. A situação dos povos latinos é a mais favorável à transição para a sociocracia final; sendo que a inépcia dos ditadores atuais constitui por ventura o único embaraço sério a esse passo definitivo.

Luís de Camões
Busto de autoria de Almeida Reis

A OBRA DE CAMÕES

Esboçada em grandes linhas a história portuguesa, devemos entrar na apreciação do gênio imortal que lhe sintetizou os destinos na época mais crítica de sua grandiosa existência. Julgamo-nos porém dispensados de insistir nos transes dessa vida, cheia de provações para o varão insigne, e de ensinamentos imorredouros para as gerações que o haviam de glorificar mais tarde. Passamos por isso imediatatmente ao estudo dos valiosos escritos que legou à nossa veneração, considerando especialmente a monumental construção destinada à idealização de nossa raça.

A epopéia constitui a mais completa das manifestações do gênio artístico : o seu objeto é a idealização das grandes fases da evolução humana. Desde então ela nos deve apresentar a existência social purificada das sugestões egoístas, mas não de forma a destruir os caracteres essenciais de nossa natureza.

Os heróis devem suscitar a admiração e o respeito pela magnitude de suas proezas ; mas é imprescindível que o seu caráter humano, sempre perceptível, os torne ao mesmo tempo suscetíveis de imitação. Tanto vale a imposição de observância às leis morais, intelectuais e físicas de que dependa a existência do homem. Augusto Comte observa que os poetas sem nunca terem infringido realmente as primeiras, não tiveram a princípio escrúpulos de violar as segundas. Nisto, não fizeram mais do que seguir espontaneamente o preceito de que as vontades devem completar as leis : onde a ordem natural é desconhecida, torna-se livre a nossa fantasia de supor o que mais convier aos interesses sociais.

Se examinarmos agora as funções que devem concorrer na construção de uma epopéia descobriremos que ela exige os mesmos órgãos que a mais completa das composições científicas. Com efeito em ambos os casos a marcha da inteligência consiste em **induzir para deduzir a fim de construir.** Induzir, para chegar ao conhecimento das leis naturais que constituem os fundamentos de todos os nossos conhecimentos positivos. Deduzir, para tirar destas leis o maior número de princípios sem recorrer à observação direta do mundo, substituído às ligações exteriores o encadeamento subjetivo dos fenômenos.

Construir, para formar tipos ideais que sejam os representantes dos seres que o mundo nos revela. Ora para todas essas operações torna-se imprescindível o concurso dos sentimentos, imagens e sinais, representando esses últimos o auxílio prestado pela região ativa do cérebro.

Daí se conclui que as produções poéticas, como os resultados científicos exigem a convergência de todas as funções cerebrais. Entre uns e outros só existe a diferença determinada pelos destinos respectivos. As construções científicas, devendo dirigir a nossa atividade na modificação da ordem cosmológica. devem produzir tipos que se aproximem dessa ordem. As composições poéticas, porém, visando o aperfeiçoamento da natureza humana, a ação do homem sobre si mesmo. com o fim de assegurar o ascendente do altruísmo, — devem oferecer-nos tipos em que sobressaia a preeminência do amor.

Augusto Comte tinha pois seguro fundamento para afirmar que Aristóteles, na situação histórica de Dante, havia de produzir a Divina Comédia.

Esta comunidade de requisitos nos explica. sem a mínima surpreza, os vastos cabedais científicos que se reconhecem em todos os grandes poetas. Todos eles, como os insignes promotores dos verdadeiros progressos científicos, resumiram em si o conjunto das gerações transatas : tornaram-se legítimos representantes da Humanidade. capazes de compreender as situações históricas respectivas : e portanto deram a esse imenso capital o destino que as circunstâncias exigiam.

Foi isso que se verificou com Luís de Camões na monumental construção que nos legou. Quando ele apareceu, a missão industrial e científica da Península Ibérica estava concluída.

O Ocidente europeu precipitava-se na vertiginosa torrente da decomposição sistemática do regimen católico-feudal, por um lado : e por outro lado, retomando as tradições da evolução grega, empreendia a elaboração da ordem abstrata, construindo peça por peça do imenso edifício que devia ser a nossa fé.

A inteligência ia novamente alçar o vôo audacioso onde só as águias poderiam librar-se; e os povos, — míseros espectadores de tamanho portento — lançam-se, como os gregos de outras épocas, no tremendal de todas as paixões egoistas. O catolicismo cultivara-lhes as faculdades abstratas ; mas só mais tarde receberiam elas o destino social que lhes assina o conhecimento do dogma da religião demonstrada. A perda desse imenso capital afetivo, que fora obra do regimen católico-feudal, parecia irremissivelmente assegurada. Nessas condições, ergueram-se os Pireneus como uma horda de titães entre a península e o resto do Ocidente e subtrairam os povos da ibéria ao descalabro universal. A pátria robustecida e a religião que a fundara ligaram-se num amplexo sublime ; e a Espanha inteira, entregue à cultura do sentimento, guardou, como as vestais de outras eras, o fogo sagrado que devia fundir a estátua colossal da Humanidade — o amor. E quando o protestantismo rolava enfurecido pelo velho continente, arrancado dos abismos do passado

o divórcio, como engodo às paixões ruins — a onda sacrílega vinha quebrar-se de encontro aos corações retemperados dos peninsulares. Era que a nacionalidade restituia ao catolicismo a energia que dele recebera nos tempos de provações e abatimento ; e a religião, assim juvenescida, assegurava aos filhos de Pelágio a preeminência afetiva na confederação ocidental.

Esta fusão da pátria e da religião era uma condição imprescindível à realização do papel que os destinos humanos assinavam à península ibérica ; e Luís de Camões profundamente o sentiu quando, num cântigo de amor, ligou as tradições do catolicismo aos prodígios operados pelo gênio português, celebrando ao mesmo tempo o advento da atividade pacífica.

Eis aí, Senhores, a missão homérica do vate português : os **Lusíadas** não são uma epopéia industrial, como apregoou já não sabemos que erudito estrangeiro : são a expressão estética dos destinos de uma raça, tais quais os delineava o conjunto da evolução anterior. Idealizando a nacionalidade portuguesa, Camões teria de escolher forçosamente, para centro, o fato mais pronunciado dessa cooperação efetiva que afirmam as verdadeiras nacionalidades. Mas a atividade aparece no poema subordinada ao amor excelso da pátria : e está amparada pelo braço onipotente do Deus do catolicismo. Ainda mais, a inteligência, — submisso condutor da atividade, — só se manifesta dirigindo para as Índias as legiões das novas cruzadas.

O povo português era, porém, um fato natural na história ; a descoberta do caminho para as terras do Oriente, importava a manifestação das mais altas qualidades práticas ; era portanto necessário indicar por que série de antecedentes surgira a prodigiosa nação. Isto deu motivo a dois magníficos episódios, nos quais o poeta idealiza a história portuguesa anterior à empresa de Vasco da Gama.

Ficava assim completa a idealização do heróico feito ; não estavam porém integralmente preenchidas as exigências sociais : e o poeta falharia à magnitude de sua missão, circunscrevendo-se em tão acanhado âmbito. Era imprescindível que a epopéia abrangesse todas as faces da raça, e, ligando os destinos da pátria aos desígnios da religião, em todos os fatos até então realizados, — rompesse o futuro aos olhos do país. A todas essas condições correspondeu o gênio de Luís de Camões, anexando ao assunto principal do poema, uma série de episódios em que figuram os impulsos afetivos de nossa alma ; e, por último, apreciando os feitos posteriores a expedição, na delicada concepção de uma profecia.

A execução do poema exige algumas observações. Conquanto o sentimento religioso domine em toda a construção, nem por isso os heróis perdem o seu caráter humano, como havemos de reconhecer ; e o amor da pátria afirma-se, independente de qualquer pensamento extra-mundano. Já o dissemos, é um sentimento que vivifica as crenças religiosas, e não estas que o determinam.

Apresentada em rápida síntese a apreciação do poema, resta-nos agora apontar nele os fundamentos do que fica exposto. E' o que vamos tentar.

A solidariedade do sentimento religioso e do amor da pátria, se manifesta desde as estrofes iniciais ; o poeta propõe-se a cantar :

As armas e os Barões assinalados *
Que .....
...entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império....."

Para ele, D. Sebastião é :

..... "ó bem nascida segurança **
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade";

..... tenro e novo ramo florescente, ***
De uma árvore de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,"

como se vê no :

"Escudo, que presente"
lhe "amostra a vitória já passada
Na qual"... "deu por armas e deixou
As que Ele para si na Cruz tomou ;"

Longe iríamos se quiséssemos transcrever todos os pontos em que o mesmo sentimento se traduz. Não o faremos por certo : mas julgamos imprescindível reproduzir as seguintes estrofes do VII Canto em que estigmatiza o movimento protestante e exalta a fidelidade portuguesa.

---

* Canto I, estrofes 1 e 2.
** Idem, estrofe 6.
*** Idem, estrofe 7.

III

Vós Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais ;
Vós que à custa de vossas mortes
A Lei da Vida eterna dilatais :
Assi do Céu deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na santa Cristandade :
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade !

IV

Vêde-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do sucessor de Pedro rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa !
Vêde-lo em feias guerras ocupado,
(Que inda co cego error se não contenta !
Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

V

Vêde-lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia,
(Quem viu honra tão longe da verdade !)
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade :
Para os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

VI

. . . . . .
Pois de ti, Galo indígno, que direi ?
Que o nome Cristianíssimo quiseste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra ele, e derriba-lo !

XIV

Mas entanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana :
De Africa tem maritimos assentos ;
E' na Asia mais que todas soberana ;
Na quarta parte nova os campos ara ;
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

No entanto, através de todo esse fervor religioso, o amor da pátria manifesta-se despido de pretensões e recompensas, ultra mundanas. De si o poeta confessa :

"Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho seu paterno"

e aos outros beneméritos não assina diversa recompensa, como ides ver no exame de uma das passagens mais censuradas do poema. Refiro-me ao episódio da **Ilha dos Amores**. Não o reproduzirei aqui ; lembrai apenas, que Luís de Camões viveu num século em que a existência dos instintos simpáticos era terminantemente negada. Embora as suas composições líricas sejam um desmentido a semelhante opinião, como se vê dessa definição do amor :

"é um não querer mais que bem querer ;"

não é justo criminá-lo por ter descrito gozos que nos seus dias eram os únicos julgados naturais ao homem, sem o auxílio da graça celestial. Semelhante apreciação cresce de ponto, quando se concluir a voluptuosa cena, o espírito depara com esta inexcedível interpretação da mitológica ilha :

LXXXVIII

Porque dos feitos grandes, da ousadia *
Forte e famosa o mundo está guardando
O prêmio já no fim bem merecido
Com fama grande, e nome alto e subido ;

* Canto nono.

LXXXIX

Que as Ninfas do Oceano tão formosas,
Tétis, e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é, que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada :
Aquelas preeminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória, e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.

XC

Que as imortalidades, que fingia
A antiguidade, que os Ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as azas ínclitas da fama,
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho imenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoso ;

XCI

Não eram senão prémios, que reparte
Por feitos imortais, e soberanos,
O mundo co os Barões, que esforço e arte,
Divinos os fizeram, sendo humanos ;
Que Júpiter, Mercúrio, Febo, e Marte,
Eneias, e Quirino, e os dous Tebanos,
Ceres, Palas, e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

XCII

Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos,
De Deuses, Semideuses imortais,
Indígetes, Heróicos, e de Magnos.
Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo de livre faz escravo.

XCIII

E ponde na cubiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tirania, infame e urgente ;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão à gente :
Melhor é merecê-los, sem os ter,
Que possui-los, sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêm o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos :
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos :
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

XCV

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora co os conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais ;
Que quem quis sempre pôde : e numerados
Sereis entre os herois esclarecidos,
E nesta Ilha de Venus recebidos.

Dizei-me se é possível moral mais elevada e mais humana ? Se o grande coração que traçava esses versos homéricos podia deleitar-se em sugestões impúdicas refocilando-se em torpezas de uma sensualidade depravada. Não Senhores, Luís de Camões não oferecia, como recompensa dos virtuosos cometimentos de seus heróis, a satisfação dos apetites egoistas da natureza humana. Esteve profundamente compenetrado da grosseria do século em que viveu ; e teve de figurar as satisfações que só o amor desinteressado pode proporcionar-nos por modo accessível ao embotado paladar de seus contemporâneos. Mas logo após aquele coração melindroso, dá largas aos impulsos generosos que o enchem todo, e o poeta decipa a voluptuosa alegria em magnificas estâncias que acabais de ouvir.

Penso, que tanto basta para demonstrar-vos quão purificada está em Camões a prática do bem, das esperanças de além mundo ; mas não pretendo ter haurido o assunto ; porque as páginas do imortal poema respiram todas a mesma elevação de sentimentos.

Entrando no exame da idealização do momentoso feito que é o centro da epopéia, devo começar recordando-vos a admirável cena das praias de Belém. O poeta confia nela, ao seu protagonista a descrição da partida dos portugueses. Forçado pelas circunstâncias. a não reproduzi-lo em sua íntegra, só resta-nos o dever de assinalar o alto valor moral de semelhante concepção e sobretudo do modo por que foi realizada. Fiel ao princípio que preside as grandes construções poéticas, Luís de Camões limitou-se a apresentar-nos o fato real, purificando-o apenas das manifestações egoistas, que por ventura ali se deram. Vasco da Gama e seus esforçados companheiros, que o poeta descrevera até esse momento nas alturas de um heroismo inexcedível, — surgem à nossa vista em toda a correção da natureza humana. Sente-se que o amor impera em todas aquelas almas portentosas a quem os horrores do oceano pareciam atrair ; e o coração expande-se num entusiasmo sincero, ao escutar do ilustre navegador essas palavras :

LXXXVI *

Depois de aparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda,
Para o sumo Poder, que a eterea Corte
Sustenta só co a vista veneranda,
Implorамos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII

Partimo-nos assim do santo templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

* Canto quarto.

LXXXVIII

A gente da cidade aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente), concorria,
Saudosos na vista, e descontentes :
E nós co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene a Deus orando,
Para os batéis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho, e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres co um choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavam ;
Mães, esposas, irmãs (que o temeroso
Amor mais desconfia) acrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo : Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro.
Porque me deixas mísera, e mesquinha ?
A fazer o funéreo enterramento.
Onde sejas de peixes mantimento ?

XCI

Qual em cabelo : Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz Amor que viver possa ;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha, e não é vossa ?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa ?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento ?

XCII

Nestas e outras palavras, que diziam,
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos as seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade,
A branca área as lágrimas banhavam,
Que em multidão co elas se igualavam.

XCIII

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado ;
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

E nesse trecho, Senhores, acabais de reconhecer a exatidão do que vos disse acima : é o braço do Deus do Catolicismo quem dirige os destinos da pátria.

Notai a pintura exata da natureza humana com todas as fraquezas e assomos de alternado arrojo ; e dizei-nos se a coragem desses varões denodados que aparelhavam

... **"a alma para a morte, ***
Que sempre aos nautas ante os olhos anda"

não confirma aquela sentença de Augusto Comte de ser o povo das espanhas, **o mais enérgico e perseverante ?** Dizei-nos se estes versos por si não bastaria para confirmar o juízo do grande pensador quando proclama, **que nenhum outro caso ocidental apresenta em tão alto grau a digna apreciação, doméstica e cívica do sexo afetivo ?**

Esse quadro dos Lusíadas é da mais profunda observação. Não só o poeta nos traça as vacilações próprias do coração estremoso que sente quebrar os laços apertados da família e da pátria ; mas ainda, o espírito conservador, esse representante do domínio ineludível dos mortos sobre os vivos, aí se afirma claramente nas sentenças do

... **"velho, d'aspeito venerando, ****
Que ficava nas praias entre a gente"

* Canto IV, estrofe 86.
** Idem, estrofe 94.

Ao impulso progressista que a expedição portuguesa representa, o ancião opõe a vaidade de semelhantes cometimentos. E' talvez a única passagem do poema em que o despreso das glórias do mundo seja apregoado. Basta confrontar a estância 81 do mesmo canto, com semelhantes imprecações para descobrir onde está o espírito do poeta. E' Vasco da Gama quem alude as animações que recebeu de D. Manoel :

"Com mercês suntuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade :
Que a virtude louvada vive e cresce
E o louvar atos como persuade."

Essa fidelidade aos verdadeiros princípios da vida ainda se revela, noutra passagem do poema que tem valido algumas censuras ao vate português ; razão porque a pomos em relevo. Os portugueses se acham em Calecut e a existência do Gama é ameaçada. Nestas condições o herói só encontra um meio de salvar-se :

"Escreve a um irmão que lhe enviasse *
A fazenda com que se resgatasse."

A crítica metafísica encherga nesse recurso um apoucamento do protagonista ; vejamos se realmente existe.

A idealização não importa um excesso de subjetivismo que, rompendo com a normalidade mental da época, vá frisar a loucura. As vontades são necessárias para completar as leis ; e não para substitui-las quando nos são elas conhecidas. Compreende-se que Vasco da Gama seja salvaguardado pelos deuses, quando o assaltam perigos que não poderia conhecer sem inspiração sobre-humana. Nessas circunstâncias, — e só nestas, o poeta é livre de apresentar-nos o influxo divino a operar milagres. Mas entregá-lo em todas as situações ao capricho dos deuses, tirando-lhe a iniciativa, reduzi-lo a um autómato, é representar a nossos olhos a natureza humana nos limites do idiotismo, não é engrandecê-la.

A situação incriminada é das mais felizes ; uma daquelas em que o poeta demonstra que a arte foi sempre a precursora da verdadeira ciência humana. Ouvi e julgai por vós. O catual acabara de propor ao capitão :

LXXXV

..... "que mandasse **
Chegar à terra as náos, que longe estão,
Porque melhor dali fosse e tornasse :
Sinal é de inimigo e de ladrão
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
E' não temer do seu nenhum perigo.

* Canto oitavo — estrofe 93;
** Canto oitavo.

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as náos deseja perto
O Catual, por que com ferro e flama
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama ;
Fantasiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava ;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso ;
E, sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo, aqui e ali, dessossegado

LXXXVIII

Tal o vago juizo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por acaso o esperava
Na praia co os bateis, como ordenara :
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse à frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos
Que esperava dos feros Maometanos.

LXXXIX

Tal há-de ser, quem quer co o dom de Marte
Imitar os Ilustres e iguala-los :
Voar co o pensamento a toda parte,
Advinhar perigos e evitá-los
Com militar engenho e sutil arte,
Entender os imigos e enganá-los,
Crer tudo em fim que nunca louvarei
O Capitão que diga : não cuidei.

XC

Insiste o Malabar em te-lo preso,
Se não manda chegar à terra a armada :
Ele constante, e de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada ;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquela noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei, mas impedido
Foi da guarda, que tinha, não pequena.
Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

XCII

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que, de vagar, se troque e venda ;
Que, quem não quer comércio, busca guerra.
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co a fazenda a liberdade.

XCIII

Consertam-se que o Negro mande dar
Embarcações idóneas, com que venha ;
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria hispana, que convenha.
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

Da passagem que acabo de ler-vos destaca-se o vulto do herói em todo o esplendor de um grande capitão ; pronto para tudo, inclusive para a morte, a idéia que o salteia é de salvar a armada embora com o próprio sacrifício. E' nestas condições que as propostas de Catual lhe mostram que

"Compra com a fazenda a liberdade."

Respondei-nos se é humanamente possível ascender a maiores alturas ? Falta-nos tempo para mencionar-vos todas as situações em que o poeta nos pinta o seu protagonista, apresentando-o sempre como a idealização completa do tipo humano. Não terminarei porém sem que vos indique os versos em que se traduz a ternura fraterna do Herói ; é o Gama que fala ao rei de Melinde :

A acompanhar-me logo se oferece
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

Tendo esboçado o exame do herói, devemos apresentar-vos a suscinta apreciação do modo por que foi idealizada a pátria. Já mostramos como o gênio sentimental dos ínclitos barões revela-se na hora solene da partida ; completaremos agora essa primeira indicação lembrando-vos a maneira pela qual o poeta introduz a história dos doze de Inglaterra e o seu Magriço.

XXXVIII

..... a leda, lassa frota *
Com vento sossegado prosseguia
Pelo tranquilo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo Hemisfério está remota ;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX

Vencidos vêm do sono, e mal despertos,
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam ;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam :
Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem.

* Canto sexto.

XL

Com que melhor podemos, um dizia,
Este tempo passar, que é tão pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado ?
Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado :
Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores ?

XLI

Não é, disse Veloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores, nem delicadeza ;
Antes de guerra férvida e robusta
A nossa história seja pois dureza
Nossa vida há-de ser, segundo entendo ;
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

E a história da guerra férvida e robusta é a dos doze cavaleiros portugueses que foram à Inglaterra em defesa da honra feminina, ali menosprezada. Vencendo as solicitações do meu desejo, calarei todas essas magníficas estrofes, limitando-me a mencionar a 51

Já chega a Portugal o mensageiro ;
Toda a corte alvoroça a novidade ;
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a Régia Magestade.
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade,
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

O amor da pátria fica evidenciado num esforço de caráter que a nação desenvolveu para constituir-se e levar a cabo a circunavegação da África. E' sobretudo quando o poeta idealiza as proesas dos primeiros chefes portugueses que mais se afirma o consórcio da religião e da pátria ; porque é nessa época que a nacionalidade recebe da fé o concurso indispensável à sua realização. Nas expedições ultramarinas, como nos temos por vezes lembrado, é a pátria que vivifica a religião.

Aqui devemos especificar em que consistiu a idealização da história portuguesa. A idealização reduz-se sempre a apresentar-nos o tipo real, exagerando certos atributos e suprimindo outros, de modo a fazer sobressair o aspecto essencial em cada situação. No caso dos Lusíadas, o poeta devia esforçar-se para apresentar-nos os chefes da nossa raça, como fiéis depositários da fé católica. Para isto era necessário que o poema exprimisse de todos os reinados os atos em que se manifestavam a decadência do poder espiritual ; e foi isto o que realizou Luís de Camões. Ninguém dirá, ao segui-lo na celebração dos heroismos dos monarcas portugueses, que a península, como o resto do Ocidente, era trabalhada pela dissolução revolucionária.

Esta observação completa quanto dissemos por ocasião de examinar o papel de Portugal na evolução : não voltaremos pois sobre este ponto, limitando-nos a transcrever algumas estrofes em que o poeta afirma os princípios da justiça a que se ateve. Antes porém chamarei vossa atenção para o fato de reproduzir-se em Camões o procedimento que Dante ousadamente iniciara : o poeta assume atribuições que eram da exclusiva competência do poder religioso quando distribui o louvor e o vitupério. Este fato demonstra quão longe já ia a decomposição do regimen medievo.

Feita essa observação, vejamos as estrofes a que acima aludimos.

LXXXIV

Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse *
A quem ao bem comum, e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,
Imigo da divina e humana lei :
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios.

LXXXV

Nenhum, que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras, que Proteio :
Nem, Camenas, também cuideis, que cante
Quem com hábito honesto e grave veio,
Por contentar o Rei no ofício novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

* Canto sétimo.

LXXXVI

Nem quem acha, que é justo, e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha, que é justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente :
Nem quem sempre com pouco esperto peito
Razões aprende, e cuida que é prudente
Para taxar com mão rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios que não passa.

LXXXVII

Aqueles sós direi, que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida :
Apolo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento, descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

Terminaremos essa ordem de considerações lembrando-vos que a crítica do poeta se estende mesmo às autoridades religiosas como se vê desta passagem em que Luís de Camões alude ao ouro.

Este interpreta mais que sutilmente *
Os textos : este faz, e desfaz leis ;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Até os que só a Deus Onipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e ilude ;
Mas não sem cor contudo de virtude.

As exigências da ocasião impõe-nos severos limites, sem o que vos mencionaria ainda duas passagens capitais da grandiosa epopéia. Em uma delas o poeta assinala a preeminência do mérito sobre o nascimento ; em outra celebra o miserando fim do heróico Duarte Pacheco. Ainda uma vez comprimiremos, porém, o nosso desejo, concluindo este rápido esboço pela apreciação dos dois episódios mais vulgarmente conhecidos — o Adamastor e a Inês de Castro. O apreço que sempre tiveram essas duas passagens do poema, é

* Canto oitavo, estrofe 99.

de fácil explicação. O primeiro é a idealização especial do caráter português e o segundo idealiza particularmente o coração português. Mas tal é a preeminência afetiva da nossa raça, que o episódio do Adamastor traduz também a feição sentimental de seu gênio. E de fato lembrar-vos-emos que entre os casos que Adamastor cantou futuros, nota-se o infeliz naufrágio de Sepulveda.

Aqui terminamos o rápido esboço consagrado à apreciação da grandiosa epopéia lusitana. Urge o tempo; e mal nos é dado percorrer as produções líricas do insigne vate. No entanto seria faltar à missão que nos impusemos deixar de mencionar o alto valor social de semelhantes composições.

Toda religião demonstrada basea-se na realidade dos instintos altruistas e na subordinação de nossa existência aos impulsos afetivos; e a moral prática resume-se na coordenação das fases diversas da natureza humana em torno

"De amor que a lugar alto me altiava" como disse o poeta.

Ora as poesias líricas de Luís de Camões evidenciam a exatidão de semelhantes princípios, e a exiquibilidade de um regimen constituído sobre tais fundamentos. Ao percorrer suas páginas repassadas de angélica ternura, o coração expande-se em arrojado assomo de uma bondade sem termos; a alma inconscientemente se transporta às eminências desse amoroso aniquilamento individual que o poeta da Imitação descrevera, e o vate português tão completamente realizou. Tudo nele — sonetos, elegias, canções, etc. — parece ser a parafrase do pensamento sublime de Kempis: — amo-te a ti mais do que a mim; e somente a mim por amor de ti. Para confirmá-lo bastará recordar estes tercetos de uma de suas elegias:

O que temo somente e só perder-vos;
O que quero somente é só adorar-vos;
O que somente adoro é só querer-vos,

Querer-vos sem deixar de venerar-vos:
Desejar-vos somente por servir-vos;
Por servir a amor vil não desejar-vos!

Somente ver-vos, e somente ouvir-vos
Pretendo; e pois somente isto pretendo,
Deveis a estes sentidos permitir-vos,

Isto somente (oh cego!) estou dizendo,
Como se fora pouco isto somente!
Que mais que ouvir-vos há? que estar-vos vendo?

Violentando os impulsos que nos dominam atualmente não prosseguiremos nessa ordem de considerações ; o pouco que acabais de ouvir justifica talvez sobejamente o juízo que acima mencionamos. Não terminaremos, porém, sem lembrar-vos o nome de Catarina de Ataide. Foi ela quem patenteou-nos as exuberâncias de tão privilegiado coração ; a ela deve a posteridade eterno reconhecimento pelo desabrochar de tão gloriosa existência. A religião da Humanidade não separa o culto dos grandes homens da celebração dos anjos tutelares que lhes foram o fanal e o amparo na vida objetiva ; e os positivistas brasileiros colecionando as poesias líricas de Luís de Camões desempenharam esse religioso dever. Aí encontrareis a imagem simpática da gloriosa amante em vários sonetos, e podereis avaliar da influência que tivera nos destinos do grande épico, medindo de tão intrínseco amor por este grito angustioso :

O dia, hora em que nasci moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar ;
Não torne mais ao mundo, e, se tornar,
Eclipse nesse passo o Sol padeça.

A luz lhe falte, o Sol se lhe escureça,
Mostre o mundo sinais de se acabar,
Nasçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao próprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Ó gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu !

Senhores. A raça portuguesa celebrando esta solenidade hastea resoluta o estandarte da regeneração humana. Camões idealizando-lhe o passado, vaticinou-lhe os destinos nesses três séculos de dolorosa privação e Camões receba os votos de nossos corações iluminados pela fé univeral, hoje que desvendamos os triunfos gloriosos dos séculos por vir.

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da
FUNDAÇÃO ROMÃO DE MATTOS DUARTE
Rua Marquês de Abrantes, 48 - RJ